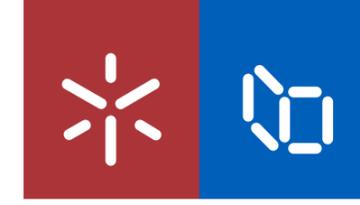




**“Ruxiang-suisu” - Estudo sobre a
Adaptação dos Chineses à Cultura
Portuguesa**

Liang Sinong

UMinho | 2023

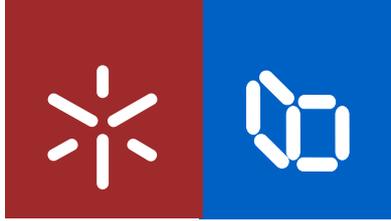


Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Liang Sinong

**“Ruxiang-suisu” - Estudo sobre a Adaptação
dos Chineses à Cultura Portuguesa**

outubro de 2023



Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Liang Sinong

“Ruxiang-suisu” - Estudo sobre a Adaptação dos Chineses à Cultura Portuguesa

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professor Doutor João Marcelo Martins

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Um profundo agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor João Marcelo Martins, pela atenção, dedicação, apoio e conselhos valiosos em todas as fases da concretização deste trabalho.

À minha mãe pelo amor e preocupação em todo o momento.

A todos os docentes do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês pelos conhecimentos transmitidos e pela dedicação.

Aos 50 inquiridos que participam no questionário pela disponibilidade, atenção, simpatia e compreensão. Os seus pontos de vista constituem a parte mais importante da minha tese.

Ao meu namorado, Qiu Wangyi, pelo seu encorajamento, confiança e paciência. Está sempre comigo e oferece-me apoio incondicional.

À minha amiga, Zhang Minxuan, pela companhia e encorajamento para enfrentar todas as dificuldades durante a concretização da minha dissertação.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

“Ruxiang-suisu” - Estudo sobre a Adaptação dos Chineses à Cultura

Portuguesa

Resumo

À medida que as relações sino-portuguesas se estreitam, cada vez mais chineses ouvem falar de Portugal, procurando oportunidades de emprego neste país. Normalmente, as suas profissões prendem-se com a área da restauração ou do pequeno comércio. Embora consiga adaptar-se à vida portuguesa, a grande maioria dos chineses, em alguns aspetos, como a gastronomia ou o hábito e ritmo de vida, enfrenta ainda algumas dificuldades de habituação.

Por consequência, esta dissertação pretende investigar se os imigrantes chineses que trabalham no norte em Portugal estão ou não a adaptar-se à cultura portuguesa e, portanto, identificar quais são as suas maiores dificuldades, elencando um conjunto de possíveis soluções que resultem na sua real integração na sociedade e cultura portuguesas. Além disso, as diferenças culturais são um fator crucial que interfere no sucesso ou no fracasso das relações interpessoais no quotidiano. Assim, o presente estudo visa explorar as diferenças culturais entre Portugal e China a fim de identificar a perceção cultural dos imigrantes chineses, funcionando como uma orientação para a comunidade chinesa compreender e lidar melhor com as diferenças culturais sentidas na relação com a comunidade portuguesa. Neste seguimento, o trabalho servirá igualmente como indicador de adaptação à vida em Portugal, bem como de aperfeiçoamento da cooperação entre os povos dos dois países.

Palavras-chave: adaptação, comunicação intercultural, imigração dos chineses em Portugal, relações sino-portuguesas

"Ruxiang-suisu" - Study on the Adaptation of the Chinese to Portuguese Culture

Abstract

As Sino-Portuguese relations grow closer, more and more Chinese are hearing about Portugal and looking for job opportunities there. Usually, their professions are in the restaurant or small retail sector. Although they manage to adapt to Portuguese life, the vast majority of Chinese still face some difficulties in getting used to some aspects, such as gastronomy or the habit and rhythm of life.

Consequently, this dissertation aims to investigate whether Chinese immigrants working in the north in Portugal are adapting to Portuguese culture and, therefore, to identify what their greatest difficulties are and to list a set of possible solutions that result in their real integration into Portuguese society and culture. In addition, cultural differences are a crucial factor that interferes with the success or failure of interpersonal relationships in everyday life. Thus, the present study aims to explore the cultural differences between Portugal and China to identify the cultural perception of Chinese immigrants, acting as a guideline for the Chinese community to better understand and deal with the cultural differences felt with the Portuguese community. Following this, the work will also serve as an indicator of adaptation to life in Portugal, as well as improving cooperation between the peoples of the two countries.

Key words: adaptation, Chinese immigration in Portugal, communication intercultural, Sino-Portuguese relations,

“入乡随俗”——中国人对葡萄牙文化的适应性研究

摘要

随着中葡关系日益密切，越来越多的中国人开始熟知葡萄牙，并在这个国家寻求工作机会。在葡萄牙生活的中国人通常从事餐饮或小型零售行业。虽然大多数中国人都能适应在葡萄牙的日常生活，但是在某些方面，如美食或生活习惯及生活节奏上，他们仍然会面临一些适应困难的问题。

因此，本论文旨在调查在葡萄牙北部工作的中国移民是否适应葡萄牙文化，从而确定他们最大的困难是什么，并列出一套可能的解决方案，使他们真正融入葡萄牙社会和适应葡萄牙文化。此外，文化差异也是影响日常生活中人际关系成败的一个关键因素。因此，本研究还旨在探讨葡萄牙与中国之间的文化差异，以确定中国移民的文化观念，为华人社区更好地理解 and 处理与葡萄牙社区之间的文化差异提供指导。此后，这项研究还将作为中国人适应葡萄牙生活的指标，并改善两国人民之间的合作。

关键词：跨文化交流，葡萄牙的华人移民，适应性，中葡关系

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução | 1 |
| Capítulo I | 3 |
| 1.1 História dos Intercâmbios Sino-Portugueses..... | 4 |
| 1.2 Situação atual das relações sino-portuguesas..... | 9 |
| Capítulo II | 15 |
| 2.1 Comunicação de alto e baixo contexto de Edward T. Hall | 17 |
| 2.2 Comparação das dimensões culturais de Geert Hofstede entre Portugal e China | 20 |
| 2.3 Barreiras à comunicação em contexto intercultural | 32 |
| 2.4 Inteligência Cultural ou Quociente Cultural (QC) | 37 |
| Capítulo III | 42 |
| 3.1 Questionário e resultados | 43 |
| 3.2 Análises dos dados: a perceção dos chineses à cultura portuguesa..... | 48 |
| 3.3 Reflexões sobre o inquérito | 58 |
| Conclusão | 63 |
| Referências bibliográficas | 66 |
| Anexo | 70 |

Introdução

China e Portugal apresentam uma história de intercâmbios culturais cuja duração se prolonga há mais de 500 anos, justificada inicialmente com a presença portuguesa em Macau, que, como ponto de ligação entre estes dois territórios, possibilitou inúmeras oportunidades de comunicação e cooperação mútuas. Atualmente, por causa das ligações mais próximas nos campos de política, economia e cultura, as interações interculturais entre chineses e portugueses, especialmente as interações interculturais nos negócios, estão a aumentar exponencialmente. Ao mesmo tempo, está também a crescer de forma muito acentuada o número de situações reais em que estes dois povos enfrentam diferenças e conflitos culturais, nem sempre fáceis de solucionar. Urge, assim, cada vez mais que as pessoas procurem aprimorar as suas capacidades de identificação de diferenças culturais e de redução de possíveis choques culturais. A investigação sobre a perceção da comunidade chinesa que trabalha no norte de Portugal revela-se, na nossa opinião, insuficiente, uma vez que são escassas, por exemplo, orientações para que os chineses sintam mais integrados relativamente à comunidade portuguesa. Por consequência, esta dissertação visa estudar a adaptação dos chineses à cultura portuguesa e ajudar os chineses e portugueses a identificarem melhor a cultura uns com os outros.

Em primeiro lugar, o conhecimento da história dos intercâmbios culturais entre Portugal e China é o passo mais fundamental, visto que não só contribui para compreender as suas próprias identidades culturais, ou seja, preservar a cultura nacional, mas também é favorável ao reforçar das amizades e da compreensão mútua entre os dois povos e, por conseguinte, ao desenvolver de uma cooperação amigável. Além disso, com o desenvolvimento da economia global, o conhecimento da situação atual das relações sino-portuguesas beneficiará o investimento estrangeiro nas áreas adequadas, para além de que poderá ajudar a explorar o potencial de investimento e cooperação e abrir novas áreas de cooperação, elevando, assim, as relações económicas e comerciais sino-portuguesas a um novo patamar.

Em segundo lugar, desde o século XX, com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e o aprofundamento da globalização, a comunicação intercultural tornou-se uma parte indispensável da vida da sociedade humana. O respeito por uma cultura estrangeira que difere da cultura nativa é a base da comunicação intercultural. Os mal-entendidos causados pela falta de compreensão dos tabus culturais de outros países podem causar problemas desnecessários na comunicação intercultural, pelo que o seu estudo é particularmente importante. De mais a mais, para as pessoas que trabalham ou estudam em ambientes interculturais, a "competência intercultural" é essencial, ou seja, a capacidade de comunicar eficazmente num ambiente intercultural. Para tal, é necessário integrar ou transformar as perceções individuais ou de equipa em normas, atitudes e práticas correspondentes à cultura específica, a fim de melhorar os níveis de serviço e obter melhores resultados. Nesse caso, é necessário compreender as diferenças culturais entre Portugal e China e comparar as dimensões culturais conforme a teoria de Geert Hofstede, com o fim de comunicar eficazmente a partir do ponto de vista da outra pessoa.

Por outras palavras, com o objetivo de conhecer profundamente os chineses imigrantes que trabalham no norte de Portugal no que diz respeito à adaptação à cultura portuguesa, às suas perceções culturais e às maiores dificuldades a nível de vida quotidiana, a autora conceberá um questionário para tirar conclusões e propor aos chineses residentes soluções viáveis.

Desse modo, no que diz respeito à sua estrutura, a presente dissertação divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, procuramos entender o âmbito das relações entre Portugal e China, bem como a história dos intercâmbios culturais antes do estabelecimento das relações diplomáticas oficiais, especialmente Macau desde tempos antigos como ponte que liga os dois países, e a situação atual das relações sino-portuguesas após 1979. Em segundo lugar, tentamos estudar algumas teorias da comunicação intercultural para que os dois povos possam identificar as diferenças culturais e promover as compreensões mútuas, apoiando-se nos modelos de análise de autores como Edward T. Hall, Geert Hofstede, Christopher Earley, Elaine Mosakowski, entre outros. O terceiro capítulo aborda a questão da adaptação à cultura portuguesa e da percepção dos chineses que trabalham no norte de Portugal, feito a partir de um questionário realizado a chineses residentes no norte de Portugal.

Capítulo I

Relações entre Portugal e China

1.1 História dos Intercâmbios Sino-Portugueses

A República Popular da China, conhecida popularmente pelo último termo, é um país socialista localizado na Ásia Oriental com uma área terrestre de aproximadamente 9,6 milhões de quilómetros quadrados, o que o torna o terceiro maior país do mundo. Ao mesmo tempo, a China é igualmente uma das quatro grandes civilizações do mundo antigo. Por seu lado, a República Portuguesa, ou simplesmente Portugal, localiza-se na Península Ibérica, no sudoeste da Europa, possuindo as fronteiras mais antigas do continente e a reputação de potência marítima. O primeiro contacto entre estes dois países data de há mais de 500 anos.

Desde a segunda metade do século XIII que Portugal tem vindo a explorar e a negociar no estrangeiro, sendo que, nos séculos XV e XVI, Portugal se expandiu da Europa para o Oriente, estabelecendo uma série de colónias em África, Índia e Sudeste Asiático. Em 1510, Portugal ocupou Goa na costa ocidental da Índia; no ano seguinte, conquistou Malaca na Península Malaia, porta de entrada do comércio entre o Oriente e o Ocidente, abrindo uma via de comunicação direta com a China. Aliás, neste processo de expansão, a China, país secular e rico, era perspectivada como um dos alvos mais importantes de Portugal. Nessa altura, a China encontrava-se sob o domínio dos Ming (明朝, *Mingcháo*), os quais veneravam o sistema confucionista e, por conseguinte, procuravam desenvolver as suas relações externas tendo por base uma visão mais tradicionalista do mundo. Por outras palavras, a relação entre as dinastias feudais da China e outros países caracterizavam-se tendencialmente por serem uma relação de vassalagem em que os territórios estrangeiros precisavam de prestar homenagem aos monarcas chineses. Através do estabelecimento deste tipo de relação, a antiga China estabeleceu relações amigáveis tanto com o Oriente como com o Ocidente. Por consequência, existiam inúmeras instâncias de contacto e interação entre a China e restantes países estrangeiros e um fluxo interminável de trocas económicas. As relações de tributo e retorno desempenharam um papel importante nas interações externas da China, sendo estas qualificadas não somente como atividades diplomáticas, mas também como intercâmbios económicos e comerciais.

As primeiras relações sino-portuguesas foram caracterizadas pelo comércio pacífico. O primeiro contacto registado entre portugueses e chineses foi em 1509, quando um português,

Lopes de Sequeira¹, levou uma frota a Malaca que foi gentilmente recebida por navios mercantes chineses. No entanto, antes de chegar, foi-lhe ordenado pelo Rei, na altura D. Manuel I, que investigasse e recolhesse informações sobre a dinastia chinesa. Em 1513, com a ajuda de navios mercantes chineses, Jorge Álvares² chegou à ilha de Lintin (内伶仃岛, *Nèilíngdīng dǎo*), ao largo da foz do Rio Pérola (珠江, *Zhūjiāng*) na atual província de Cantão (广东省, *Guǎngdōng shěng*), onde as autoridades locais lhe permitiram estabelecer atividade comercial mas não constituir residência. Os portugueses tiveram, assim, de vender as suas mercadorias com a ajuda de mercadores chineses, regressando depois a Malaca. Em 1517, a embaixada portuguesa chefiada por Tomé Pires³ chegou e ocupou a ilha de Tamão (屯门岛, *Túnmén dǎo*), parte da atual Região Administrativa Especial de Hong Kong (香港特别行政区, *Xiānggǎng tèbié xíngzhèngqū*), numa tentativa de estabelecer relações comerciais com a China. Embora registada como Tamão em documentos históricos portugueses, nome que, aliás, terá sido atribuído à ilha após os portugueses terem questionado os locais sobre a mesma, não existe qualquer referência ao mesmo nos textos chineses. Também conhecida por Ilha do Comércio, o nome ilha de Tamão pode, na realidade, referir-se à Ilha de Lantau (大屿山 *Dàyǔshān*), em Hong Kong (Shi, 1997, pp. 23-33). Contudo, em todo o caso, durante quatro anos, por falta de compreensão da cultura e costumes chineses e da barreira linguística, aconteceram sérias disputas entre os dois países, o que levou a uma batalha em 1521. Finalmente, procedeu-se à expulsão dos portugueses de Cantão e à abolição do comércio de tributos. Além disso, a China implementou explicitamente a proibição do comércio marítimo. No entanto, este regulamento constituiu-se como obstáculo à obtenção de lucros por dos comerciantes chineses, traduzindo-se, de forma sucinta, no aparecimento de muitos contrabandistas chineses. Assim, é possível considerar que a primeira embaixada portuguesa oficial falhou a sua missão. Todavia, os portugueses não estavam dispostos a perder a oportunidade de negociar com a China, pelo que

¹ Diogo Lopes de Sequeira (1465-1530) foi um fidalgo português que aportou pela primeira vez em Malaca em 1509, sendo governador da Índia de 1518 a 1522. (NdA)

² Jorge Álvares (?-1521), explorador português, foi o primeiro europeu a chegar a China por via marítima em 1513. (NdA)

³ Tomé Pires (1465 ou 1468-1540), destacado boticário português, foi autor da *Suma Oriental*, a primeira descrição europeia da Malásia e a mais antiga e extensa descrição portuguesa do Oriente. Foi também o primeiro chefe de uma missão diplomática portuguesa enviado à China. (NdA)

evitaram o caminho de Cantão e navegaram diretamente de Malaca para as províncias chinesas de Zhejiang (浙江省, *Zhèjiāng shěng*) e Fujian (福建省, *Fújiàn shěng*), onde os contrabandistas chineses os levaram. A partir desse momento, os portugueses iniciaram um período de 30 anos caracterizado pelo comércio de contrabando. Com o relaxamento da política da proibição ao comércio marítimo, os portugueses regressaram à costa de Guangdong em 1554. Após vários entraves e negociações, os portugueses receberam finalmente autorização da Dinastia Ming para negociar e alugar Macau (澳門, *Àomén*). Em 1555, Macau tinha sido aberto como porto e ponto de encontro para os portugueses fazerem viagens de ida e volta a Cantão, e o comércio normal entre a China e Portugal foi estabelecido.

No século XVI, a seda fina e a porcelana eram os produtos chineses mais vendidos (e lucrativos) na Europa. Os lucros sobre a seda crua podiam atingir os 150%, enquanto a porcelana também podia alcançar ganhos a rondar os 100%-200%. Estatisticamente falando, apenas os portugueses desfrutaram, durante um período de mais de um século, dos benefícios do comércio com muitos portos asiáticos. Consequentemente, personalizavam as suas mercadorias na China de acordo com necessidades particulares, especificando o comprimento, padrão e peso da seda a ser feita para se adequar ao mercado português e às necessidades europeias. Através de Portugal, as mercadorias chinesas continuaram a fluir de Macau para os países europeus. Macau, aliás, surgiu em virtude do seu papel especial não só no intercâmbio comercial, mas também no intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente nos séculos XVI e XVII, servindo como ponte cultural entre a China e o Ocidente.

Após o século XVI, um grande número de missionários ocidentais chegou à China, utilizando Macau como meio para iniciar um intercâmbio cultural em grande escala entre o Oriente e o Ocidente. Os missionários chegaram primeiro no período final da Dinastia Ming e permaneceram em Macau para prepararem o seu trabalho missionário, estudando, por exemplo, a língua e os costumes chineses, angariando fundos e alinhavando bens missionários. Missionários como Michele Ruggieri (罗明坚, *Luó míngjiān*) e Matteo Ricci (利玛窦, *Lì mǎdòu*) trouxeram um grande número de bens ocidentais da Europa para a China continental e importaram a cultura ocidental para a China através do seu trabalho académico.

De facto, para um processo missionário bem-sucedido, os jesuítas recorreram ao trabalho missionário académico. Consequentemente, a cultura científica ocidental passou por Macau, sendo posteriormente divulgado à China continental. Através do canal macaense, com os missionários a servirem como intermediários dos diferentes saberes, a ciência, a tecnologia e a cultura ocidentais foram introduzidas na China, prestando grandes contribuições a áreas como a geografia, cartografia, astronomia, matemática, armamento, mecânica, medicina ou artes plásticas.

O intercâmbio cultural funcionou como uma via de dois sentidos, e Macau tem desempenhado um papel vital na mediação do movimento de dois sentidos, não só da cultura material, mas também da cultura espiritual. No final da Dinastia Ming, foi aí estabelecido o primeiro hospital de estilo ocidental, bem como o Colégio de São Paulo, um colégio especial para a formação de missionários, que adotou a abordagem educacional das universidades europeias medievais e tornou o chinês uma disciplina obrigatória. Entre 1581 e 1740, 483 Jesuítas entraram na China vindos de Macau, tendo sido educados no Colégio de São Paulo antes de entrarem no continente. Na altura, Macau era conhecido como o "Vaticano do Oriente" e era o mais antigo centro missionário católico ocidental do Extremo Oriente. Muitos destes missionários, tais como o já mencionado Matteo Ricci e Adam Schall Von (汤若望, *Tāng ruò wàng*), deslocaram-se a Pequim para pregar na corte, desempenhando um papel importante no intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente no final das dinastias Ming e Qing (清朝, *Qīngcháo*). Foi apenas em 1827 que o último missionário português a servir no Conselho Imperial de Astronomia e Matemática (钦天监, *Qīntiānjiàn*), Veríssimo Monteiro da Serra, regressou a casa de licença, pondo fim a uma longa história de missionários ao serviço da corte.

Como supramencionado, visto que o intercâmbio cultural foi um movimento de dois sentidos, os missionários não só trouxeram a cultura ocidental para a China, mas também transmitiram grande parte da cultura chinesa ao Ocidente através de Macau. A partir de Michele Ruggieri e Matteo Ricci, os missionários começaram a aprender a língua e a escrita chinesas e a familiarizarem-se com os costumes e hábitos chineses numa tentativa de compreender o território e o seu povo, aprofundando tais conhecimentos após entrada no continente. Com base

nas suas experiências, começaram, assim, a introduzir a China ao Ocidente de forma abrangente e tornaram-se pioneiros na Sinologia Ocidental. Esta sua atitude permitiu que a cultura chinesa se espalhasse amplamente na Europa, alargando os horizontes dos estudiosos ocidentais e promovendo o Iluminismo na Europa, com efeitos extremamente profundos (Liang, 2010, pp. 57-62).

Um período de mais de 300 anos, desde a primeira entrada dos portugueses na China em 1513 até à invasão portuguesa de Macau em 1849, compõe um capítulo rico na história das iniciais relações sino-portuguesas.

Em resumo, a história das primeiras relações sino-portuguesas pode ser dividida em seis fases: 1513-1521, um período em que os portugueses chegaram à China para recolher informações e tentar estabelecer bases de negócio; 1522-1553, um período em que os portugueses estiveram envolvidos no contrabando comercial na China; 1553-1557, um período em que o comércio sino-português regulamentado começou; 1557-1583, um período em que os portugueses entraram e alugaram Macau; 1583-1783, um período em que os portugueses viveram e comerciaram sob a jurisdição das dinastias Ming e Qing e em que as relações sino-portuguesas se revelaram estáveis; o período 1783-1849 foi aquele em que as políticas portuguesas mudaram e desafiaram o sistema Qing, até à ocupação gradual de Macau após a Guerra do Ópio⁴, quando as relações sino-portuguesas sofreram mudanças fundamentais.

Em 1887, foi assinado o Tratado de Amizade e Comércio entre Portugal e a China. Portugal tomou residência permanente e administração de Macau, privando a China o direito de administrar o território. Porém, a soberania esteve sempre nas mãos da China (Ljungstedt, 1997, p.1, p.91). A 20 de Dezembro de 1999, Macau foi oficialmente devolvido ao abraço da pátria, e com o regresso de Macau, uma nova página das relações sino-portuguesas foi virada.

⁴ A Guerra do Ópio refere-se a uma série de conflitos militares entre o Império Qing e Império Britânico no período de 1840 a 1842. O conflito surgiu na sequência do facto de a Dinastia Qing ter implementado uma política de proibição do comércio marítimo e reforçado o sistema de tributos, o que, em instância final, resultou num conflito diplomático e desequilíbrio comercial entre os dois países. No entanto, na realidade, a causa principal deste evento tem que ver com as atitudes do governo Qing, que aprovou medidas restritivas para proibir o comércio do ópio, destruindo os interesses fundamentais dos mercadores britânicos. A guerra deflagrou com o envio de tropas britânicas à China e terminou com a derrota da Dinastia Qing. A partir desse momento, a China começou a ceder terrenos às potências estrangeiras e a negociar tarifas desigualmente. (NdA)

1.2 Situação atual das relações sino-portuguesas

A 8 de fevereiro de 1979, China e Portugal estabeleceram formalmente relações diplomáticas e, em setembro do mesmo ano, os dois países trocaram embaixadores entre os dois territórios. Em 2000, foi criada a Associação de Amizade China-Portugal⁵ (中国葡萄牙友好协会, *Zhōngguó pútáoyá yǒuhǎo xiéhuì*) em Pequim e o Congresso Nacional do Povo⁶ (全国人民代表大会, *Quánguó rénmin dàibiǎo dàhuì*) e o Parlamento Português criaram um grupo de amizade. Em 2005, os dois países estabeleceram uma parceria estratégica abrangente e a cooperação mutuamente benéfica seguiu uma via de desenvolvimento rápido. Além disso, os intercâmbios económicos, comerciais e culturais tornaram-se cada vez mais profundos.

Em 2017, Portugal tornou-se o primeiro país da União Europeia (UE) a estabelecer formalmente uma "Parceria Azul"⁷ (蓝色伙伴关系, *Lánsè huǒbàn guānxì*) com a China. Nos últimos anos, líderes de ambas as partes têm trocado visitas frequentes, promovendo o desenvolvimento de relações amigáveis e de cooperação entre os dois países. No final de 2018, por exemplo, o Presidente Xi Jinping (习近平, *Xí Jìnpíng*) realizou uma visita de estado a Portugal. Em 2019, no 40º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e Portugal, o Presidente português Marcelo Rebelo de Sousa retribuiu a visita e participou na 2ª Cimeira de Cooperação Internacional de Uma Faixa, Uma Rota⁸ (第二届一带一路国际合作高峰论坛, *Dì'èrjiè yīdàiyīlù guójìhézuò gāo fēng lúntán*). Desde o ano de 2013, quando o Presidente Xi Jinping propôs a iniciativa "Uma Faixa, Uma Rota", que muitas comunidades

⁵ A Associação de Amizade China-Portugal é uma associação diplomática civil oficial entre a China e Portugal, estabelecida pelo Governo da República Popular da China. A associação coordena e gere o estabelecimento e desenvolvimento das relações civis de amizade entre toda a China e Portugal. (NdA)

⁶ O Congresso Nacional do Povo é o órgão máximo do poder estatal na China, composto por deputados eleitos pelas províncias, regiões autónomas, municípios diretamente sob o Governo Central, regiões administrativas especiais e militares. (NdA)

⁷ A "Parceria Azul" é uma forma de a China construir uma relação aberta, inclusiva, prática, mutuamente benéfica e amigável com outros países e organizações internacionais no domínio marítimo. (NdA)

⁸ "Uma Faixa, Uma Rota" é a abreviatura de "Cinturão Económico da Rota da Seda e Rota Marítima da Seda do Século XXI", sendo uma faixa económica transnacional iniciada e liderada pelo Governo da República Popular da China em 2013. O seu âmbito abrange as regiões da China continental, Ásia Central, Ásia do Norte e Ocidental, a costa do Oceano Índico, a costa mediterrânica, América do Sul, e a região do Oceano Atlântico, tendo como objetivo desenvolver ativamente parcerias económicas com os países ao longo do percurso e construir conjuntamente uma comunidade de interesses, destino e responsabilidade com confiança política mútua, integração económica e tolerância cultural. (NdA)

internacionais têm respondido positivamente, tendo sido Portugal o primeiro país da Europa Ocidental a assinar um documento de cooperação com a China. De acordo com Zhao Bentang (2023), embaixador da China em Portugal, desde setembro de 2022, a China assinou mais de 200 documentos de cooperação com 149 países e 32 organizações internacionais para construir o projeto “Uma Faixa, Uma Rota”. O comércio de mercadorias da China com países aqui envolvidos atingiu 11 trilhões de dólares, com uma taxa média de crescimento anual de 7,1%. As empresas chinesas investiram um total de 161,3 mil milhões de dólares em investimento direto em países ao longo da faixa, criando 346.000 empregos locais.

Desde o estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e Portugal, os intercâmbios culturais, científicos e educacionais entre ambos têm aumentado gradualmente. Com efeito, os dois países assinaram um acordo de intercâmbio cultural e um plano de implementação de três anos para o mesmo, bem como um acordo sobre o Reconhecimento Mútuo de Graus e Diplomas do Ensino Superior em 2005 e um acordo sobre a Criação Mútua de Centros Culturais em 2016. Os Institutos Confúcio (孔子学院, *kǒngzǐ xuéyuàn*) foram consecutivamente abertos na Universidade do Minho (2006), Universidade de Lisboa (2008), Universidade de Aveiro (2015), Universidade de Coimbra (2016) e Universidade do Porto (2019). O Centro de Inovação Conjunto em Materiais Avançados Portugal-China (中葡先进材料联合创新中心, *zhōngpú xiānjìn cáiliào liánhé chuàngxīn zhōngxīn*) foi criado na Universidade Zhejiang em 2013. Em 2017, mais de 250.000 turistas chineses vieram a Portugal, um aumento homólogo de mais de 40%. Ao mesmo tempo, o público português tem vindo a interessar-se cada vez mais pela cultura chinesa, com o número de turistas portugueses que visitam a China a aumentar homologamente 16% nesse mesmo ano. O número de estudantes que aprendem a língua chinesa em Portugal tem vindo a aumentar de ano para ano, graças à forte promoção da mesma por parte dos Institutos Confúcio, sendo que o número de estudantes chineses que vêm estudar em Portugal apresenta igualmente um crescimento constante⁹.

Em termos de cultura, Macau, como ponte que liga a China e Portugal, desempenha indubitavelmente um papel crucial no intercâmbio cultural e educativo entre os dois países, não

⁹ Informação obtida em http://www.gov.cn/xinwen/2018-12/03/content_5345395.htm, consultado no dia 20 de março de 2023.

só como reforço do intercâmbio cultural a nível local, mas também como elemento de promoção do intercâmbio cultural entre a China continental e os países lusófonos. Efetivamente, Macau funciona como plataforma de reforço a intercâmbios humanistas, contribuindo para a construção de uma "Plataforma Sino-portuguesa" (中葡平台, *zhōngpú píngtái*). Neste contexto, Macau tem desempenhado este seu papel de várias formas, tais como a organização de encontros oficiais entre os Ministros da Cultura chinês e português, fóruns culturais, o Festival de Artes Culturais Sino-Português (中葡文化艺术节, *zhōngpú wénhuà yìshùjié*) e a Exposição de Arte Sino-Portuguesa (中葡艺术展, *zhōngpú yìshùzhǎn*). Macau organiza anualmente, desde 2008, o Festival de Artes Culturais Sino-Português e a Semana Cultural Sino-Portuguesa (中葡文化周, *zhōngpú wénhuàzhōu*), convidando representantes do continente chinês e de oito países de língua portuguesa, com um total de cerca de 1.000 artistas chineses e estrangeiros, atraindo mais de 300.000 visitantes. O festival apresenta características de cada país através de espetáculos culturais, música, dança, exposições de arte, comida, artesanato e muito mais.

A nível educativo, Macau criou o Centro de Ensino e Formação Bilingue Chinês-Português (中葡双语教学暨培训中心, *zhōngpú shuāngyǔ jiàoxué jì péixùn zhōngxīn*), o Centro de Formação do Fórum Sino-Português (中葡论坛培训中心, *zhōngpú lùntán péixùn zhōngxīn*) e o Centro Internacional Português de Formação (国际葡萄牙语培训中心, *guójì pútáoyáyǔ péixùn zhōngxīn*). O governo e as universidades locais têm vindo a trabalhar a diferentes níveis para aumentar a reserva de talentos bilingues, diversificar as disciplinas profissionais, melhorar a qualidade do pessoal docente e estabelecer uma base de dados para apoiar o ensino e a investigação. Além disso, mais de 40 universidades na China continental oferecem cursos de língua portuguesa, promovendo ainda mais o intercâmbio cultural, académico e educacional e a cooperação entre os dois países.

A cooperação económica, comercial e de investimento entre a China e Portugal está também a ser reforçada. Em 2003, foi criado, em Macau, o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (中国-葡语国家经

贸合作论坛, *zhōngguó púyǔguójā jīngmào hézuò lùntán*), sob o tema de cooperação económica e desenvolvimento. Em 2007, o volume do comércio bilateral entre os dois países ultrapassou 46,3 mil milhões de dólares, um aumento de 35,9% em relação a 2006, e quase triplicou em relação ao nível de 2003 (Ye, 2007). Em 2015, no contexto de um declínio tanto no comércio externo da China como no comércio China-UE, o comércio sino-português apresentou um aumento de 8,58% e, tanto as exportações chinesas para Portugal como as exportações portuguesas para a China, cresceram mais substancialmente¹⁰.

Segundo Xia Xiaoling (2021), Conselheira Económica e Comercial da Embaixada em Portugal, a escala do investimento chinês em Portugal continua a expandir-se. Portugal tornou-se um dos principais países de destino do investimento chinês na Europa. No final de 2020, mais de 20 empresas chinesas tinham investido e estabelecido negócios em Portugal. De acordo com dados do Banco Central de Portugal, o *stock* de investimento direto chinês em Portugal é de 2,7 mil milhões de euros. Os investimentos chineses abrangem uma vasta gama de setores como a energia, finanças, seguros, saúde, telecomunicações, assuntos hídricos, construção, desenvolvimento de parques industriais, proteção ambiental, serviços comerciais, engenharia, aviação, aquicultura e restauração. A Conselheira acredita que a relação entre a China e Portugal está atualmente no seu melhor na história, registando-se visitas frequentes dos líderes de cada país, o crescimento da confiança mútua política e o fortalecimento mais aprofundado da parceria estratégica China-Portugal. Assim, a Conselheira sugeriu que as empresas chinesas deveriam aproveitar a oportunidade para criar ideias de cooperação, expandir os canais de cooperação, criar novas conjeturas de investimento e cooperação sino-portuguesa e promover as relações económicas e comerciais sino-portuguesas a um novo nível.

Em 2021, a cooperação comercial e de investimento entre os dois países atingiu máximos históricos. No que diz respeito ao comércio, os negócios da China com os países de língua portuguesa têm atingido sucessivos recordes, tendo ultrapassado a marca de 200 mil milhões de dólares no ano passado. Ademais, o investimento da China nos países de língua portuguesa tem-se tornado cada vez mais diversificado nas áreas de investimento e modos de cooperação.

¹⁰ Informação obtida em http://www.xinhuanet.com//world/2016-10/12/c_1119704355.htm, consultado no dia 20 de março de 2023.

No final de 2021, o *stock* de investimentos chineses nos países lusófonos ultrapassava 86 mil milhões de dólares¹¹.

Em 2022, o ritmo da recuperação económica em vários países abrandou devido a múltiplos fatores, tais como a recorrência da epidemia de Covid-19 e a crise russo-ucraniana. Apesar disso, a cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa continuou a sua tendência estável e ascendente de desenvolvimento, demonstrando uma forte resiliência e potencial de prosperidade. De acordo com estatísticas aduaneiras chinesas, no primeiro semestre de 2022, o comércio bilateral da China com Portugal totalizou 4,61 mil milhões de dólares, um aumento homólogo de 10,9%. Além disso, o valor total das importações e exportações de mercadorias da China com os países de língua portuguesa atingiu 182,568 mil milhões de dólares, um aumento homólogo de 1,81%¹². Atente-se ainda que, de acordo com uma entrevista por si dada ao Jornal Sol, Zhao (2023) afirma que

“A China tem sido o maior parceiro comercial de Portugal na Ásia por muitos anos. De janeiro a outubro de 2022, a China manteve a posição de maior destino de exportação de Portugal para a Ásia e o volume total dos comércios bilaterais atingiu 7,287 mil milhões de euros, aumentando 6.6%. De janeiro a setembro de 2022, as exportações de serviços de Portugal para a China foram 118 milhões de euros, um aumento homólogo de 34,09%. Até ao final do terceiro semestre de 2022, o *stock* do investimento direto da China em Portugal chegou a 3,121 mil milhões, um aumento homólogo de 9,23%. O investimento chinês chegou a 10,487 mil milhões de euros nas áreas de eletricidade, finanças, saúde, telecomunicações, assuntos hídricos, construção, serviços comerciais, parques industriais, etc.”

Em suma, as relações sino-portuguesas têm vindo a desenvolver-se de forma estável e rápida. Como ponto de partida europeia da antiga rota da seda marítima e um importante centro de ligação entre a rota da seda terrestre e marítima, Portugal é um parceiro natural na construção conjunta de “Uma Faixa, Uma Rota”. Os dois países persistem na obtenção de benefícios mútuos e na construção conjunta da comunidade de destino comum da humanidade (人类命运共同体, *rénlèi míngyùn gòngtóngtǐ*), por isso, a parceria estratégica abrangente pode ser desenvolvida a um nível elevado. À medida que a China e Portugal se tornam cada vez mais próximos e os seus povos comunicam com mais frequência, as oportunidades e desafios

¹¹ Informação obtida em http://www.news.cn/politics/2022-04/11/c_1128550874.htm, consultado no dia 20 de março de 2023.

¹² Informação obtida em <http://www.mofcom.gov.cn/article/sywxwb/202204/20220403304161.shtml>, consultado no dia 20 de março de 2023.

daqui gerados serão indubitavelmente maiores.

Capítulo II

Comunicação Intercultural

A comunicação intercultural como atividade social do ser humano é um fenómeno que tem sido comum desde os tempos antigos. A chegada de missionários portugueses à China, a abertura da Rota da Seda e a viagem de Zheng He a Ocidente (郑和下西洋, *zhèng hé xià xī yáng*) pertencem todos a intercâmbios interculturais. No entanto, com o rápido desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, a globalização da economia, a circulação de pessoas e o amplo intercâmbio e cooperação internacionais, pessoas de diferentes nacionalidades conseguem interagir frequentemente, pelo que o estudo deste fenómeno começou a chamar maior atenção, especialmente desde o século XXI, quando a comunicação intercultural se tornou parte integrante da vida das pessoas.

O conceito de comunicação intercultural, em poucas palavras, refere-se à comunicação entre pessoas de contextos culturais diferentes, sendo alcançada num processo dinâmico e interação bidirecional através de símbolos. O seu objetivo é criar um significado partilhado. A comunicação intercultural tem seis características, a saber: refere-se principalmente à comunicação presencial entre as pessoas; envolve muitas diferenciações, a nível de comportamentos/atitude, valores, costumes e crenças religiosas; podem surgir diferentes conflitos resultantes de choques culturais; a maioria dos mal-entendidos e os conflitos são "conflitos de boa vontade", uma vez que um comportamento decente e educado na própria cultura pode tornar-se insensato noutra cultura, ou seja, as boas intenções são mal compreendidas de formas inesperadas; provoca frequentemente fortes reações emocionais; é desafiante e gratificante (Zu, 2015, pp.4-6).

De facto, a comunicação intercultural tem duas dimensões: uma dimensão refere-se à comunicação entre pessoas de diferentes países e nacionalidades, por exemplo, entre chineses e portugueses; a outra dimensão refere-se à comunicação entre pessoas de diferentes géneros, idades, profissões e áreas geográficas dentro do mesmo país ou nacionalidade, por exemplo, entre as pessoas do norte e sul da China. Por outras palavras, a comunicação intercultural inclui interações entre países, interculturais, interétnicas e intercomunitárias. Todavia, na verdade, os estudiosos prestam mais atenção aos estudos interpessoais e nacionais.

Então, a comunicação entre pessoas de duas origens culturais diferentes produz indubitavelmente diferenças culturais. As pessoas reagem frequentemente de maneiras distintas

quando se deparam com diferenças culturais na comunicação. Algumas pessoas sentem-se entusiasmadas e excitadas, outras sentem-se ansiosas e inquietas, algumas olham para as diferenças de uma perspectiva positiva e tentam encontrar pontes de comunicação, enquanto outras compreendem as diferenças de uma forma negativa e insistem em ser egocêntricas, não querendo colocar-se no lugar da outra pessoa, causando conflitos desnecessários. Entre as teorias da comunicação intercultural, a teoria da cultura de alto e baixo contexto de Edward T. Hall e a teoria das dimensões da cultura de Geert Hofstede dão-nos uma perspectiva mais clara para compreender as diferenças, os valores e os padrões culturais.

2.1 Comunicação de alto e baixo contexto de Edward T. Hall

Em 1959, Edward T. Hall publicou *The Silent Language*, marcando o nascimento da comunicação intercultural e tornando-se, por conseguinte, o fundador dessa mesma área do conhecimento. Ele argumenta que pessoas de culturas diferentes mostram diferenças óbvias no uso do tempo e do espaço para expressar significado. Embora Hall tenha sido antropólogo, a sua influência na comunicação intercultural foi muito maior do que a sua contribuição para a antropologia. Uma das criações teóricas mais perspicazes e influentes de Hall é a teoria da cultura de alto e baixo contexto, que é sistematicamente articulada na sua obra *Beyond Culture*.

Quando comparadas, é possível afirmar que a maior parte do significado da cultura de alto contexto é transmitida através do ambiente externo ou através de valores e normas internalizados na mente das pessoas, e apenas uma pequena parte da mensagem inteira é explicitamente transmitida em linguagem. Pelo contrário, a cultura de baixo contexto tende a tecer a maior parte das suas mensagens numa linguagem explícita e a expressá-las diretamente. Culturas de alto contexto são encontradas tipicamente no Oriente Médio, Ásia, África e América do Sul, enquanto culturas de baixo contexto aparecem normalmente na Europa Ocidental, Estados Unidos e Canadá. No entanto, a classificação da cultura em alto e baixo contexto é relativa, e cada cultura tem uma certa mistura. Em termos gerais, as culturas ocidentais são essencialmente culturas de baixo contexto e as culturas orientais são culturas de alto contexto. As diferenças culturais orientais e ocidentais e de contexto alto e baixo estão estreitamente ligadas.

O ponto de entrada de Hall para a classificação das culturas de contexto alto e baixo não é a superioridade ou inferioridade das duas culturas, mas sim as limitações da própria língua e as barreiras de comunicação que são criadas pelos diferentes mecanismos de funcionamento das duas culturas.

De acordo com Hall (1976, p.57), "a linguagem é demasiado linear, não suficientemente abrangente, tanto limitada como não natural, sendo, em grande parte, um produto da sua própria evolução, com demasiados vestígios de entalhe". A língua não só não consegue expressar ideias de forma suficiente, como também não pode emití-las eficazmente. Além disso, muita informação cultural está escondida em veículos não verbais. Os ocidentais interpretam os significados culturais apenas em termos de língua, sem apreciarem as implicações culturais para além da língua, por isso sentem-se frequentemente confundidos e confusos. Portanto, o núcleo da teoria de Hall é como enfrentar as diferenças culturais de alto e baixo contexto para realizar uma comunicação eficiente.

Hall resume diferenças específicas entre culturas de contexto alto e baixo, principalmente em termos da forma expressa do significado, atitudes em relação aos membros interiores e exteriores do grupo e orientação temporal. As culturas de contexto alto expressam frequentemente o significado de forma indireta e eufemística, com uma grande parte da mensagem escondida em implícitos e acordados códigos não verbais, enquanto as culturas de contexto baixo preferem expressar o significado de forma explícita e direta, com a mensagem em grande parte contida na língua. As culturas de contexto alto salientam a distinção entre interior e exterior, responsabilidade para os outros e lealdade para o coletivo, enquanto as culturas de contexto baixo não os destacam. As culturas de contexto alto são pluralistas e orientadas para o passado no tempo, pelo contrário, as culturas de contexto baixo são unidirecionais e orientadas para o futuro no tempo.

Hall entende o contexto como aspeto social e cultural do interlocutor. O contexto é importante porque nos ajuda a preencher as lacunas linguísticas. Se não o pudermos compreender, não seremos capazes de obter a mensagem completa e de captar precisamente a intenção do interlocutor. As culturas de contexto alto e baixo representam diferentes maneiras de ver as coisas. Os membros de culturas de contexto alto tendem a olhar inteiramente para o

mundo e usar mais conhecimentos sociais e culturais para transmitir informação, enquanto os membros de culturas de contexto baixo preferem olhar para as coisas de forma analítica e usar uma linguagem mais explícita para comunicar.

De acordo com Dodd (1982, pp.70-72), as características das culturas de alto e baixo contexto são:

1. As culturas de contexto baixo encorajam comunicação separada entre as pessoas e os assuntos, podendo chegar a comprometer as suas relações interpessoais. As culturas de contexto alto tendem a associar as pessoas às coisas e concentram-se em manter a face¹³;

2. Os membros de culturas de contexto baixo não gostam de fazer coisas que não compreendem e estão ansiosos por evitar a incerteza. Os membros de culturas de contexto alto têm mais ambiguidade nas suas vidas e são capazes de processar informação no meio da incerteza;

3. Os membros de culturas de baixo contexto comunicam de uma forma mais direta e não têm medo de causar conflitos para obter informação. Os membros de culturas de alto contexto, por sua vez, comunicam de uma forma mais indireta e estão mais preocupados com a harmonia do grupo.

4. Os membros de culturas de baixo contexto concentram-se na análise racional e utilizam cálculos para negociar. Os membros de culturas de alto contexto escolhem estratégias de negociação mais suaves e estão dispostos a apelar às emoções e à intuição.

5. Os membros de culturas de baixo contexto procuram informação interpessoal, destacando as relações pessoais em vez das sociais. Eles normalmente são faladores, abertos e centrados na informação. Por outro lado, os membros de culturas de alto contexto concentram-se na influência dos fatores sociais na comunicação. Eles são cautelosos na conversa e temem sofrer a humilhação.

Lustig e Koester (2006, p.112) resumem as características das culturas de contexto alto e baixo na tabela:

¹³ A "face" é um fenómeno social das relações interpessoais, particularmente valorizado em sociedades com uma forte hierarquia, como as do Extremo Oriente, sendo a expressão do respeito próprio e da dignidade de cada um.

Tabela 1: características da cultura de alto e baixo contexto

| Cultura de alto contexto | Cultura de baixo contexto |
|--------------------------------------|--------------------------------------|
| Escondida e implícita | Óbvio e explícita |
| Mensagens internalizadas | Mensagens claramente codificadas |
| Muita codificação não-verbal | Detalhes verbalizados |
| Reações reservadas | Reações na superfície |
| Distintos grupos internos e externos | Flexíveis grupos internos e externos |
| Fortes relações interpessoais | Frágeis relações interpessoais |
| Compromisso elevado | Compromisso baixo |
| Tempo aberto e flexível | Tempo altamente organizado |

Em suma, a teoria de Hall baseia-se nas suas próprias experiências transculturais no Japão e noutros países. Na teoria de Hall, língua, cultura e contexto são as variáveis básicas, demonstrando a interação entre as três. Os padrões de comunicação das culturas de alto e baixo contexto são determinados pela cultura e não pela língua. Hall coloca mais ênfase no papel de vários códigos culturais, para além da língua, na comunicação. No entanto, o principal canal de comunicação e compreensão na comunicação intercultural continua a ser a língua, que é a ferramenta mais comum e fiável. Por conseguinte, na comunicação intercultural, quer os membros de culturas de alto contexto, quer os de baixo contexto, não só prestam atenção à informação linguística, mas também atendem as informações não verbais em vários contextos implícitos e não devem interpretar as intenções de outrem arbitrariamente, mas apenas a partir da sua própria posição de valor.

2.2 Comparação das dimensões culturais de Geert Hofstede entre Portugal e China

Geert Hofstede, estudioso holandês, especializou-se na gestão de empresas internacionais e na investigação da comunicação intercultural. A sua obra *Cultural Consequences International*

Differences in Work-Related Values, publicada em 1980, é uma das suas obras mais célebres. O autor apresentou a teoria das dimensões da cultura com o fim de explicar o quadro teórico das diferenças culturais dos países distintos, tendo baseado originalmente o seu estudo na análise de dados de um grande inquérito mundial conduzido pela Corporação Internacional de Máquinas de Negócios (IBM; do inglês, International Business Machines Corporation), entre 1968 e 1972, incluindo 72 países e regiões e mais de 116.000 participantes. No início, Hofstede dividiu a orientação dos valores das diferentes culturas em quatro dimensões básicas: distância ao poder, aversão à incerteza, individualismo versus coletivismo e masculinidade versus feminilidade. Mais tarde, em 1991, foram recolhidos dados adicionais de outras populações, sem relação com a IBM, mas com correspondência entre países, para refletir melhor as orientações dos valores culturais dos países não europeus e americanos. Por conseguinte, este estudo não só continuou a outorgar a existência das quatro dimensões acima referidas, como também apontou o conceito de uma quinta dimensão: a orientação para longo prazo versus orientação para curto prazo. Em 2010, Hofstede enunciou uma sexta dimensão: indulgência versus restrição. Os significados das seis dimensões culturais e as suas comparações entre a China e Portugal serão explicados em seguida.

Figura 1: Comparações entre as dimensões culturais da China e de Portugal



- **Distância ao poder (PDI)**

O conceito de distância ao poder foi apontado pelo psicólogo social holandês, Mauk Mulder. Ele definiu o poder como o potencial para controlar ou dirigir o comportamento de outras pessoas para as fazer obedecer. Na sua opinião, a distância ao poder reflete o grau de desigualdade de poder entre um indivíduo mais fraco e um indivíduo mais forte no mesmo sistema social. Hofstede define, conforme o pensamento de Mulder, a distância ao poder numa perspectiva de gestão empresarial como a distância ao poder entre o (“boss B”) e o seu subordinado S numa hierarquia igual à diferença entre o grau em que B controla o comportamento de S e o grau em que S controla o comportamento de B. Além disso, ele argumenta que a distância ao poder aceita por B e S, e apoiada pelo ambiente social, depende, em grande nível, da cultura nacional, a qual, por sua vez, determina o grau de distância ao poder que as pessoas tendem a manter, ou a aumentá-la ou diminuí-la em grande medida, a fim de alcançar o equilíbrio no sistema social (Hofstede, 2001, p.83).

A desigualdade entre as pessoas é um dos problemas fundamentais que todas as culturas enfrentam. Numa sociedade ideal, todos têm os mesmos direitos e interagem uns com os outros em condições de igualdade. Na sociedade real, contudo, as pessoas não conseguem obter igualdade no verdadeiro sentido da palavra, devido a uma variedade de fatores, como idade, fisiologia, estatuto social, riqueza, educação, profissão e realização social. Hofstede utiliza o Índice de Distância ao Poder (PDI) para julgar as orientações dos valores culturais dos países. A distância ao poder moldada pela cultura regula o comportamento social das pessoas. As pessoas que vivem em culturas com um baixo PDI comportam-se independentemente, tentam reduzir as diferenças sociais, tratam-se mutuamente como iguais e enfatizam a legitimidade do poder. As suas relações sociais são mais harmoniosas e as pessoas mais velhas não recebem cuidados especiais. As pessoas que vivem em culturas com um PDI mais elevado são mais dependentes dos outros, reconhecem hierarquias sociais e desigualdades entre as pessoas, tratam os seus superiores e subordinados de forma diferente e enfatizam a necessidade de poder. As suas relações sociais são mais tensas e os idosos são tratados com mais respeito.

No que respeito às comparações entre os dois países na distância ao poder, de acordo com a tabela 2, quer a cultura chinesa, quer a portuguesa, parecem aceitar a distância hierárquica. Àqueles que ocupam as posições mais poderosas são concedidos privilégios pela

sua posição. No entanto, de 0 a 100, o índice da China (80) nesta dimensão é mais alto do que o de Portugal (63), ocupando a 22^a posição entre 104 países, num lugar relativamente elevado.

O povo chinês, influenciado por milhares de anos de confucionismo¹⁴, está mais preocupado com o conceito do poder e hierarquia. A teoria ideal do confucionismo é estabelecer uma sociedade hierárquica. Desde a antiguidade, a China tem seguido o pensamento “há diferenças entre nobres e humildes, alto e baixo estatuto e idosos e jovens” (贵贱有等，尊卑有别，长幼有序 *guìjiàn yǒu děng, zūn bēi yǒu bié, zhǎng yòu yǒu xù*), sendo este uma das virtudes tradicionais do povo chinês. Embora as pessoas comecem a procurar uma sociedade livre e igualitária, com o desenvolvimento do próprio país, os chineses ainda valorizam a autoridade, respeitam e obedecem aos líderes, identificam-se com a hierarquia e são-lhe obedientes ou adotam uma atitude silenciosa e tolerante em relação à distribuição desigual do poder.

Por contraste, devido a fatores culturais e familiares, os portugueses são mais formais do ponto de vista educativo. Há um respeito pela hierarquia familiar e pelo membro mais velho, o que se reflete claramente no seu comportamento quotidiano. Isso também acontece na área profissional, ou seja, o superior mais velho é mais respeitado e o grau de formalidade aumenta com o poder envolvido, daí a maior distância hierárquica entre superiores e subordinados (Freire, 2010, p.56).

● Individualismo versus coletivismo (IDV)

O individualismo é o oposto do coletivismo. Esta dimensão cultural descreve a relação entre o indivíduo e o coletivo que prevalece numa dada sociedade, refletindo-se na forma como as pessoas vivem juntas, por exemplo, em famílias nucleares, famílias alargadas ou tribos, e tem muitas implicações em termos de valores e comportamento. Em algumas culturas, o individualismo é visto como uma bênção e fonte de bem-estar; em outras, é visto como uma alienação (Hofstede, 2001, p.209). Todas as pessoas são criaturas gregárias e culturais, mas o grau de identificação sobre o coletivo varia muito entre sociedades diferentes e mostra um

¹⁴ O confucionismo postulou, desde cedo, que os indivíduos fossem altruístas na sua devoção à família, à sociedade e ao país, daí a forte ênfase no patriotismo e no coletivismo na sociedade chinesa. Posteriormente, o confucionismo passou a salientar que a alimentação era a chave para a subsistência das pessoas, contribuindo para que, de acordo com a sua filosofia, a China se tornasse numa grande potência agrícola. Além disso, o confucionismo contém uma forte ideologia humanista e a China sempre procurou colocar o povo em primeiro lugar.

elevado grau de diversidade nas suas manifestações. A auto-orientação das pessoas e a sua relação com várias organizações sociais constituem tendências de valor individualistas ou coletivistas. Hofstede mede as tendências de valor cultural em termos do Índice do Individualismo (IDV).

Em países com uma cultura individualista, os membros da sua sociedade acreditam na autoajuda, na autonomia e na autoestima, enquanto que, em países com uma cultura coletivista, os membros da sua sociedade valorizam a lealdade coletiva, os interesses de equipa e as obrigações mútuas. Em relação ao tratamento das relações interpessoais, os membros com baixo IDV prestam atenção ao consenso coletivo e à harmonia social. Normalmente, respeitam a tradição e autoridade, colocando o interesse coletivo acima do individual. No entanto, os membros com alto IDV destacam a igualdade e a importância da privacidade pessoal. Eles estimam a liberdade pessoal e competência social. A meu ver, o valor adotado pela cultura coletiva inclui harmonia, piedade filial e satisfação das necessidades dos outros, enquanto os valores enaltecidos pela cultura individual referem-se à liberdade, comodidade, entretenimento e igualdade.

A figura 1 mostra que tanto Portugal (27) como a China (20) têm um baixo IDV, ou seja, os dois países tendem à dimensão cultural do coletivismo. Os chineses e os portugueses são leais e possuem uma pré-disposição a integrar-se melhor no grupo.

Indubitavelmente, a China, como um país com uma forte conceção de coletivismo, enfatiza a prioridade do coletivo sobre o individual e a importância que a minoria deve obedecer à maioria no grupo. Em pequenos, aos chineses é ensinado um idioma: “pensa nos outros antes de pensar em ti próprio” (先人后己 *xiānrénhòujǐ*). Além disso, a China tende a seguir o Dengismo ou Teoria de Deng Xiaoping (邓小平理论, *Dèng Xiǎopíng Lǐlùn*) como um dos seus princípios orientadores, cujo núcleo é, como inferido, o valor do coletivismo. De acordo com Deng (1994, p.337), a China deve considerar que, numa sociedade socialista, os interesses do Estado, do coletivo e do indivíduo são fundamentalmente os mesmos. Se houver um conflito, os interesses do indivíduo devem ser subordinados aos interesses do Estado e do coletivo. Para interesse do país, do coletivo e do povo, todos os elementos avançados com consciência revolucionária devem sacrificar os seus próprios interesses, quando tal é necessário.

Os portugueses são mais formais e conscientes dos diferentes grupos que compõem a sociedade, pertencentes a uma certa família ou tendo estudado numa certa universidade. São, no fundo, mais sensíveis às diferenças entre grupos. Por esta razão, os portugueses compreendem que existem formalidades e que estas devem ser respeitadas. Simultaneamente, estão conscientes da pertença a um coletivo específico e das diferenças que o separam, tornando-o mais respeitoso e formal (Freire, 2010, p.57). A sociedade portuguesa centra-se nas relações interpessoais e cada pessoa é responsável pelos membros do seu grupo. Lealdade, responsabilidade e compromisso estão no centro do funcionamento da equipa.

● **Masculinidade versus feminilidade (MAS)**

Esta dimensão cultural investiga masculinidade e feminilidade. A dualidade dos sexos é um facto fundamental com que as diferentes sociedades lidam de formas distintas. A questão é saber quais as implicações que as diferenças biológicas entre os sexos devem ter para os papéis emocionais e sociais dos géneros. Os inquéritos sobre a importância dos objetivos de trabalho, tanto na IBM como noutros locais, mostram que, quase universalmente, as mulheres atribuem mais importância aos objetivos sociais, como as relações, a ajuda aos outros e o ambiente físico, e os homens atribuem mais importância aos objetivos pessoais, como a carreira e o dinheiro (Hofstede, 2001, p.279). As diferenças entre homens e mulheres e os papéis que desempenham na sociedade são um problema comum e inevitável em todas as culturas. Hofstede utiliza o Índice da Masculinidade (MAS) para analisar a orientação do valor cultural dos países nas diferenças dos sexos. Normalmente, nos países com alto MAS, as diferenças sociais entre homens e mulheres são muito claras e a discriminação de género é mais prevalente, enquanto a cultura dos países com o baixo MAS incentiva a igualdade de género e respeita os direitos das mulheres na sociedade.

Com uma pontuação de 66 e a ocupar o 13º lugar em comparação com os outros países estudados, torna-se óbvio que a China é uma sociedade masculina. Trata-se de um fenómeno comum na perspetiva dos estrangeiros, porque os chineses são muito diligentes e trabalham a todo o momento nas suas impressões. Além disso, o Sistema de Trabalho 996 (996 工作制,

gōngzuòzhì) é popular na China: os chineses trabalham das 9h00 às 21h00, 6 dias por semana¹⁵. Os chineses são orientados e impulsionados pelo sucesso, podendo sacrificar as prioridades familiares e de lazer para trabalhar. Por exemplo, os empregados de restauração prestam serviços até à meia-noite, ou até mesmo mais tarde, por volta das 2h00. Outro exemplo é o facto de os estudantes chineses estarem muito preocupados com os seus resultados e a sua classificação nos exames, uma vez que este é o critério principal para alcançar o sucesso (isto é, conseguir uma vaga numa boa universidade). Os professores da escola secundária exigem que os seus alunos estudem até altas horas da noite. Desde 2020, o termo “neijuan” (内卷, *nèijiǎn*) começou a ser usado pelos jovens e transformou-se num jargão nas redes sociais. Esta palavra foi originalmente chamada “involução”: um padrão cultural que, tendo atingido uma determinada forma final, não tem qualquer possibilidade de se estabilizar ou de se transformar em algo novo, mas apenas continua a tornar-se mais complexo internamente. A expressão tem circulado na Internet e é utilizada por muitos estudantes chineses do ensino superior para designar a concorrência interna irracional ou a concorrência "voluntária forçada", servindo como protesto contra a atual pressão competitiva na sociedade. As pessoas trabalham mais esforçadamente para obter recursos limitados. Recursos esses, anteriormente mais acessíveis, que exigem agora mais esforço, conduzindo a uma competição viciosa. Pode dizer-se que o sucesso e o dinheiro sempre desempenharam um papel fundamental na filosofia chinesa.

A pontuação de Portugal nesta dimensão é 31, muito feminina relativamente à China. A sociedade portuguesa é mais permissiva, flexível, reverente e tranquila. Em Portugal, trabalha-se com mais calma, as pessoas são mais pacientes e, conseqüentemente, tendem a deixar as coisas para resolver no último minuto. A tónica do trabalho de Portugal é “trabalhar para viver” em comparação com “viver para trabalhar” da China. A competitividade excessiva não é apreciada. As pessoas valorizam a igualdade, a solidariedade e a qualidade no seu ambiente profissional. Relativamente, o subsídio ou bem-estar social dos portugueses são garantidos.

¹⁵ Embora tenha sido já proibido pelo Supremo Tribunal Popular da República Popular da China (中华人民共和国最高人民法院, Zhōngguó Rénmín Gònghéguó Zuìgāo Rénmín Fǎyuàn), muitas empresas, especialmente aquelas ligadas à indústria tecnológica e ao comércio eletrónico, continuam a implementar este tipo de sistema.

● **Aversão à incerteza (UAI)**

Vivemos num ambiente de incerteza do qual temos consciência. A incerteza extrema pode causar uma ansiedade insuportável e as sociedades humanas desenvolveram maneiras de lidar com a incerteza inerente a viver num ambiente assim. Estes métodos enquadram-se na categoria da tecnologia, do direito e da religião. A tecnologia ajuda-nos a resistir às incertezas causadas pela natureza; o direito ajuda-nos a resistir às incertezas das ações dos outros; a religião ajuda-nos a aceitar as incertezas a que não podemos resistir (Hofstede, 2001, p.146)

Sociedades diferentes adaptam-se à incerteza de formas dissemelhantes. Estas formas diferem não só entre sociedades tradicionais e modernas, mas também entre todas as sociedades modernas. As formas de lidar com a incerteza pertencem ao património cultural da sociedade, e são transmitidas e reintroduzidas através de instituições fundamentais, como a família, a escola e o Estado. Refletem-se nos valores coletivamente detidos pelos membros de uma dada sociedade. As suas raízes são irracionais, sendo que, possivelmente, um comportamento coletivo numa sociedade parece incompreensível para os membros de outras sociedades (Hofstede, 2001, p. 146). Qualquer pessoa enfrenta incertezas nas suas vidas, e membros de diferentes culturas têm atitudes e respostas distintas para as mesmas. Evitar a incerteza refere-se principalmente à tendência geral das pessoas para evitar ambiguidade nas interações sociais. Hofstede utiliza o Índice da Aversão à Incerteza (UAI) para medir as orientações dos valores culturais dos países. Os países que têm um baixo UAI possuem culturas que aceitam um elevado grau de ambiguidade. Pelo contrário, os países que possuem um alto UAI referem-se a culturas cujos membros têm uma grande expectativa de clareza e têm dificuldade em tolerar a ambiguidade.

De acordo com a figura 1 a China (30) e Portugal (99) diferem bastante nessa dimensão cultural. Portugal e China ficaram, respetivamente, em segundo lugar e na 97^a posição, refletindo a forte aversão à incerteza dos portugueses e a alta tolerância à ambiguidade dos chineses.

Desde os tempos antigos até agora, os chineses têm-se atrevido a enfrentar mudanças e desafios. Na obra *Os Anais da Primavera e do Outono* (吕氏春秋, *lǚ shì chūn qiū*), há um ditado que diz que uma pessoa sábia pode agir rapidamente no momento certo e proceder a

juizamentos e mudanças de acordo com a situao (君子谋时而动, 顺势而为, *jūnzǐ móushíèrdòng shùnshíèrwéi*). Para os chineses, o cumprimento das leis e regras pode ser flexível para se adaptar à situao real e o pragmatismo é um facto da vida. Os chineses estão confortáveis com as circunstâncias ambíguas. Aliás, a língua chinesa tem muitas ambiguidades que dificultam a compreensão e aprendizagem para os estrangeiros. Quanto às relações interpessoais, os chineses, normalmente, toleram as diferenças e aceitam, com grande facilidade, pessoas de diferentes nacionalidades, não sendo exclusivos ou etnocêntricos. não produzem forte humor exclusivo para as pessoas com diferentes nacionalidades.

A meu ver, provavelmente, os portugueses querem ter capacidade de orientar as suas vidas com segurança e não estão dispostos a correr riscos. Eles não aceitam facilmente desvios e enfatizam a lealdade coletiva e a integridade das leis. Portugal mantém um código rigoroso de crenças e comportamentos e não tolera comportamentos e ideias pouco ortodoxos.

● **Orientao a longo prazo versus a curto prazo (LTO)**

Segundo Hofstede (2001, p.351 e p.360), esta dimensão é independente das quatro verificadas nos estudos da IBM, tendo sido identificada nas respostas de amostras de estudantes de 23 países, por volta de 1985, ao Chinese Value Survey (CVS), um instrumento desenvolvido por Michael Harris Bond em Hong Kong. Bond pediu aos seus colegas chineses para resumir os valores básicos dos chineses e, tendo tal por base, planeou o CVS. Na verdade, dado que o questionário da IBM se baseia fortemente na perspetiva ocidental, o mesmo não possui informações relativas às perspetivas orientais no âmbito desta dimensão. Por isso, o seu objetivo passou por acrescentar uma dimensão cultural oriental para diluir a tendênci a ocidentalizada da teoria original. De facto, a orientao a longo prazo ou a curto prazo parece basear-se nos ensinamentos de Confúcio, pois opõe aspetos de longo prazo a aspetos de curto prazo do pensamento confucionista: persistência e parcimónia à estabilidade pessoal e ao respeito pela tradio. Por outras palavras, foram os valores culturais de Confúcio que permitiram explorar esta dimensão. Hofstede utiliza o Índice da Orientao a Longo Prazo (LTO) para estimar os valores culturais dos países. Além disso, ele resumiu as características das duas orientações numa tabela:

Tabela 2: As características da orientação em longo prazo e curto prazo.

| Baixo LTO | Alto LTO |
|---|---|
| Resultados rápidos esperados. | Persistência, perseverança. |
| O estatuto não é uma questão importante nas relações. | Relações ordenadas por estatuto e esta ordem é observada. |
| As boas pessoas sabem como gastar. | As boas pessoas são parcimoniosas, poupam nos recursos. |
| A vergonha não é um sentimento comum. | Um sentimento de vergonha comum |
| Firmeza e estabilidade pessoal. | Adaptabilidade pessoal. |
| Proteção da “face” de alguém | Considerações sobre a face são comuns, mas consideradas uma fraqueza. |
| Respeito pelas tradições. | Adaptação das tradições a novas circunstâncias |
| Reciprocidade de cumprimentos, favores e presentes. | As considerações de reciprocidade são problemáticas, o risco de despesas excessivas. |
| As crianças devem estudar como tolerar e respeitar outras pessoas. | As crianças devem estudar como poupar. |
| Tempo de lazer é importante. | Tempo de lazer não é muito importante. |
| Os acontecimentos mais importantes da vida ocorreram no passado ou ocorrem no presente. | Os acontecimentos mais importantes da vida vão ocorrer no futuro. |
| Os estudantes consideram que a "persistência" não é um traço importante de personalidade. | Os estudantes consideram que a "persistência" é um traço importante de personalidade. |
| Pequena parte do rendimento adicional poupado. | Grande parte do rendimento adicional poupado. |
| Investimento em fundos mútuos. | Investimento em bens imobiliários. |

A China ocupa o quarto lugar entre os 87 países analisados, tendo um valor cultural de orientação a longo prazo (87), enquanto Portugal ocupa o 58º lugar, tendo um valor cultural de orientação a curto prazo (28).

Na educação, a China dá grande importância à definição de objetivos e recompensas a longo prazo para o futuro, em vez de se concentrar em ganhos imediatos. A educação familiar enfatiza cumprir promessas e respeitar tradições. Os pais prestam maior atenção a desenvolver características relacionadas à persistência e parcimónia nas suas crianças, tendo por base idiomas como “prevenir o futuro a todos os momentos” (未雨綢繆, *wèiyǔ chóumóu*).

Indubitavelmente, os chineses têm uma visão mais alargada, prevendo que acontecimentos positivos ocorrerão no futuro. Muitas pessoas idosas começam a poupar dinheiro enquanto jovem para os seus filhos e, até mesmo, netos. Por consequência, existe um provérbio chinês muito conhecido que afirma que “os antepassados plantam árvores para que as gerações posteriores desfrutem do seu frescor” (前人栽树, 后人乘凉 *qiánrén zāishù hòurén chéngliáng*), ou seja, os antepassados devem criar benefícios ou bem-estar para as gerações vindouras.

Tal como mencionado nas dimensões culturais anteriores, os portugueses prestam muita atenção à tradição, preocupando-se com o estabelecimento de regras integradas. A sua cultura tende à orientação a curto prazo, correspondendo às características mencionadas na tabela 2. Por exemplo, o tempo de lazer parece muito importante para os portugueses, pois, por exemplo, frequentemente, lancham e bebem café juntos. Além disso, cumprimentos são muito comuns na rua, o que é um fenómeno raro na China. Conforme a minha experiência laboral em Portugal e os contactos com os portugueses, posso afirmar que estes têm uma propensão relativamente baixa no que toca à poupança para o futuro e estão dispostos a alcançar os êxitos mais rápidos, concentrados nos assuntos na sua frente ou superfícies, ou seja, eles querem obter os retornos rápidos e se concentram nos interesses na sua frente em vez dos no futuro. A solidez e a estabilidade pessoais ocupam posição fundamental no trabalho.

● **Indulgência versus restrição (IVR)**

A indulgência representa a tendência relativa à satisfação dos desejos humanos básicos e naturais relacionados com o gozo e a diversão da vida. O seu lado oposto, a restrição, reflete a convicção de que essa satisfação precisa de ser refreada e regulada por normas sociais rigorosas. Note-se que a satisfação dos desejos no lado da indulgência se refere a gozar a vida e divertir-se, e não à satisfação dos desejos humanos em geral (Hofstede, G., Hofstede, G.J. & Minkov, M, 2010, p.245). Hofstede investiga três sentimentos relacionados com esta dimensão: felicidade, controlo da vida (um sentimento de que se tem a liberdade de levar a vida mais ou menos como se quiser, sem restrições sociais que limitem a liberdade de escolha) e a importância do lazer. Normalmente, os membros de uma cultura com mais restrição e menos

indulgência têm uma atitude cínica, dado que as restrições sociais não só tornam as pessoas menos felizes, mas também mais negativas. De acordo com Hofstede (2010, p.251), as características da indulgência e restrição são mostradas na tabela seguinte:

Tabela 3: As características da indulgência e restrição

| Indulgência | Restrição |
|--|--|
| Maior percentagem de pessoas muito felizes | Menor percentagem de pessoas muito felizes |
| A perceção do controlo da vida pessoal. | A perceção da ausência da ajuda: o que me acontece não é culpa minha |
| Maior importância de lazer | Menor importância de lazer |
| Maior importância de ter amigos | Menor importância de ter amigos |
| A parcimónia não é muito importante | A parcimónia é importante |
| Sociedade liberal | Sociedade intensa |
| Maior possibilidade de lembrar emoções positivas | Menor possibilidade de lembrar emoções positivas |
| Menos normas morais | Mais normas morais |
| Atitude positiva | Atitude cínica |
| Personalidades mais extrovertidas | Personalidades mais neuróticas |
| Maior percentagem de pessoas que se sentem saudáveis | Menor percentagem de pessoas que se sentem saudáveis |
| Mais otimista | Mais pessimista |
| População com boa educação e alta natalidade | População com boa educação e baixa natalidade |
| Baixa mortalidade por doenças cardiovasculares | Alta mortalidade por doenças cardiovasculares |

Em relação ao índice da indulgência (IVR), a China tem 24 pontos, enquanto a pontuação de Portugal é de 33 pontos, indicando que ambos os países tendem a uma dimensão cultural de restrição.

Na minha opinião, a sociedade portuguesa caracteriza-se por pessimismo e cinismo. Os portugueses estão mais dispostos a respeitar as normas sociais em vez dos desejos pessoais. Todavia, como a China tem sido influenciada pelo pensamento confucionista, tem uma capacidade mais forte de restrição. A cultura confucionista enfatiza “a preservação da moral

social e a proteção contra os excessos do desejo pessoal ” (存天理， 灭人欲, *cúntiānlǐ mièrényù*). No que concerne ao respeito das regras sociais, os estudantes chineses são ensinados a observar tal realidade desde pequenos. Devem respeitar a lei da família em casa, a disciplina da escola e o direito da sociedade. Como diz o provérbio chinês, “nada pode ser concretizado sem normas ou padrões” (无规矩不成方圆, *wúguījǔ bùchéng fāngyuán*).

Em resumo, apresenta-se um quadro relativo às seis dimensões culturais comparadas no que diz respeito a Portugal e China.

Tabela 4: A dimensão cultural entre Portugal e a China

| Dimensões culturais | Portugal | China |
|--|--------------------------|--------------------------|
| Distância ao poder | Alto | Alto |
| Individualismo vs. Coletivismo | Coletivismo | Coletivismo |
| Masculinidade vs. Feminilidade | Feminilidade | Masculinidade |
| Aversão à incerteza | Alto | Baixo |
| Orientação a longo prazo vs. a curto prazo | Orientação a curto prazo | Orientação a longo prazo |
| Indulgência vs. restrição | Restrição | Restrição |

2.3 Barreiras à comunicação em contexto intercultural

● Assumir as semelhanças em vez das diferenças

Assumir as semelhanças pode ser uma falha fatal, sendo um dos erros mais fáceis de cometer na comunicação intercultural. Quando duas partes interagem, uma delas pode pensar erradamente que a outra não é diferente de si, sentindo-se confusa e frustrada assim que descobre que o comportamento de outrem está muito longe do que era esperado. Tal pode resultar num fracasso da comunicação intercultural. Seguem-se algumas experiências para ilustrar o afirmado.

Uma leitora portuguesa, acabada de chegar a uma universidade chinesa para ensinar

português, repara que, nas aulas, os alunos chineses não fazem perguntas nem interagem com ela, mas fazem constantemente apontamentos dos conteúdos. Apesar de encorajar os alunos a falarem ativamente, as aulas continuam silenciosas. Por conseguinte, a professora sente medo e tristeza, considerando erradamente que os alunos chineses não gostam dela. No entanto, de facto, os alunos chineses são diferentes dos portugueses. Quando os alunos chineses têm dúvidas na aula ou opiniões contrárias às dos professores, não o vão dizer diretamente na aula. Regra geral, escolhem apresentar as suas opiniões aos professores fora de aula, em segredo, pois receiam tirar a face dos professores, ou seja, acham que este comportamento é mal-educado e desrespeitador relativamente aos seus professores.

Quando uma estudante chinesa chega pela primeira vez a uma universidade portuguesa, sente a simpatia e a cordialidade dos seus colegas portugueses, que a cumprimentam no caminho para a escola e, com o decorrer do tempo, estabelecem contacto físico, como abraços. Além disso, é sempre a primeira a chegar à aula, sendo que os colegas portugueses chegam tendencialmente atrasados. Perante esta situação, ela sente-se confusa. Na verdade, a aula portuguesa tem uma tolerância de 15 minutos, enquanto a aula chinesa exige uma chegada antecipada. Quanto às relações interpessoais, os chineses são mais introvertidos ou fechados do que os portugueses. Os cumprimentos com os amigos são apenas verbais e não há abraços nem beijos.

Quando os imigrantes contactam com uma cultura nova, é fácil que, inicialmente, se gira um choque cultural. De acordo com Oberg (1960), o choque cultural é a ansiedade que resulta da perda de todos os sinais e símbolos familiares do intercâmbio social. Hu (1999, p.187, citado por Storti, C.) indica que as pessoas passam por quatro fases no processo de comunicação intercultural: primeiro, a esperança relativa à possível existência de semelhanças com os outros; segundo, o aparecimento de choque cultural por causa das diferenças verificadas; terceiro, o sentimento de zanga, ansiedade e medo; quarto, recuo na comunicação estabelecida

Por consequência, esperar a existência de semelhanças é algo muito comum no processo da comunicação, porém trata-se de um erro inevitável. Devemos aprender a compreender as diferenças culturais, pois, na comunicação intercultural, convém transmitir a nossa própria cultura, bem como adaptarmo-nos à nova cultura.

● **Etnocentrismo**

O etnocentrismo é a compreensão e a medição de tudo o que existe noutras culturas de acordo com os conceitos e padrões da nossa própria cultura, incluindo comportamentos, costumes sociais e valores. Outra compreensão do conceito tem que ver com a crença de que a cultura de origem é superior às restantes. Todavia, somente poucas pessoas pensam assim. De facto, o etnocentrismo é um fenómeno comum, já que, por exemplo, por todo o globo, os mapas desenhados por cada país colocam-no no centro do mundo. O etnocentrismo positivo traz sentido de identidade e de pertença. Na verdade, ninguém pode evitar o etnocentrismo, visto que, muitas vezes, as pessoas compreendem inconscientemente uma outra cultura em termos dos seus próprios valores. No entanto, com o etnocentrismo negativo, é frequente verificar-se a recusa da riqueza e conhecimento de outras culturas, bloqueio de partilha de ideias e competências entre pessoas e impedição de comunicação.

Em suma, tendo em conta os parâmetros supramencionados, é possível considerar que o etnocentrismo apresenta três grandes características: fenómeno comum; inconsciente; positivo e negativo.

● **Estereótipos e preconceitos**

O estereótipo é termo abrangente para referir os julgamentos positivos ou negativos sobre outras pessoas de acordo com a sua pertença a um grupo. Embora ainda não conheçamos uma determinada cultura, temos provavelmente impressões preconcebidas, por exemplo, os japoneses trabalham com esforço, os chineses gostam de dinheiro, os franceses são românticos e os americanos levam a vida a seu prazer.

De acordo com Zu (2015, p.194), há três fontes principais das quais provém o estereótipo: a família e as influências circundantes, os meios de comunicação social e as experiências pessoais reais. Regra geral, as impressões sobre outro grupo cultural começam inicialmente com os relatos de familiares, professores e/ou amigos. Além disso, os média também são fonte vital na produção de estereótipos, especialmente os filmes. Antigamente, a maioria dos filmes chineses lançados no Ocidente eram filmes de *kung fu* (中国功夫, *zhōngguó gōngfū*), algo que fez com que os ocidentais assumissem, na sua grande maioria, que todos os chineses

praticavam *kung fu*. Quando lhes perguntavam se conheciam algum chinês, quase todos respondiam Jackie Chan (成龙, *Chéng Lóng*), um ator desta arte marcial. Atualmente, com a frequência da comunicação intercultural, muitas pessoas estabelecem interações com pessoas de culturas diferentes. Conforme as suas próprias experiências, produz-se distintas impressões sobre outros membros culturais. Apesar de serem verdadeiras e credíveis, as impressões afiguram-se incompletas por causa do seu escopo limitado.

Contrariamente ao estereótipo, o preconceito constitui a suspeição irracional ou opinião desfavorável sobre um grupo, raça religião ou orientação sexual.

Novamente de acordo com Zu (2015, p198), o preconceito apresenta três características: sentimentos e atitudes negativos ou hostis; a criação fácil da discriminação e grande teimosia. O preconceito é uma atitude negativa caracterizada por um sentimento forte, ao contrário do estereótipo. O estereótipo é um conhecimento, sendo negativo ou positivo. Ao mesmo tempo, à medida que o preconceito se aprofunda, transforma-se em discriminação, incluindo discriminação racial, geográfica e sexual. Trata-se de um fenómeno comum no intercâmbio. Indubitavelmente, o preconceito impede o desenvolvimento da comunicação intercultural e traz mais consequências negativas.

Em suma, o etnocentrismo negativo e o preconceito fazem-nos acreditar em algo que pode não ser verdade ou crer que algo é verdade de forma generalizada, impedindo a alteração de atitude em situações de comunicação conflituosa.

● **Interpretações erradas da comunicação não verbal**

Tal significa que interpretamos sinais e símbolos não verbais de acordo com o nosso contexto e referências culturais, o que pode levar a interpretações erradas.

Com o rápido desenvolvimento da economia mundial, o fenómeno da comunicação intercultural está a aumentar e a utilização da comunicação não verbal está a generalizar-se. Embora algumas mensagens não verbais tenham uma certa semelhança ou universalidade entre culturas, muitos atos comunicativos não verbais estão também confinados a uma região cultural específica e são largamente influenciados pela cultura local. Devido às diferenças culturais entre países e povos, o comportamento comunicativo não verbal pode, por vezes,

conduzir a mal-entendidos e conflitos na comunicação intercultural. Por exemplo, nos Estados Unidos e em algumas partes da Europa, o dedo polegar para cima é normalmente utilizado para mandar parar um táxi, enquanto, na Nigéria, é considerado um gesto insultuoso, na Grécia e em Itália, significa que alguém está a indicar que não quer ser importunado e, na China, significa “muito bom”. Isto mostra que, devido às diferenças culturais entre povos e países, o mesmo ato de comunicação não verbal pode ser utilizado para simbolizar coisas completamente diferentes. Por conseguinte, no processo de comunicação intercultural, é importante considerar como lidar e resolver os vários problemas que surgem na comunicação não verbal de forma a compreender corretamente o significado real, evitando eficazmente os conflitos interculturais decorrentes da linguagem não verbal e facilitando a comunicação intercultural.

● Língua

A comunicação linguística é um aspeto importante da comunicação intercultural. No entanto, com a interação da cultura e da língua, é inevitável que surjam barreiras de comunicação e mal-entendidos entre pessoas de diferentes contextos culturais. Os caracteres chineses são pictogramas e são reconhecidos pelo seu significado, ou seja, pela sua forma. Em oposição direta, a maioria das línguas ocidentais são escritas e compreendidas logo que são ouvidas. Por isso, o chinês é muito difícil para estrangeiros. Além disso, a pronúncia incorreta, os erros gramaticais ou o vocabulário insuficiente podem conduzir a mal-entendidos ou a dificuldades de comunicação para ambas as partes. No entanto, com o avanço da aprendizagem de uma língua, as expressões idiomáticas também confundem as pessoas e causam mal-entendidos. O chinês usa a palavra “serpente” para expressar que uma pessoa se torna medrosa após uma experiência negativa: “uma vez mordido por uma serpente, dez anos com medo de uma corda de poço” (一朝被蛇咬, 十年怕井繩 *yīzhāo bèishéyǎo shínián pàjǐngshéng*). Por sua vez, o português utiliza “gato”: “gato escaldado de água fria tem medo”.

Consequentemente, quando conversamos com pessoas de diferentes origens culturais, com o fim de aperfeiçoar este percurso, devemos utilizar palavras mais simples com significados mais comuns; escolher palavras com menos opções em termos de significado; seguir as regras gramaticais; falar devagar e com pequenos intervalos entre palavras; evitar utilizar palavras mais

esotéricas ou culturalmente “viciadas”; evitar a utilização de calão; não utilizar palavras ou expressões que obriguem o interlocutor a formar imagens mentais e repetir as ideias principais mais do que uma vez. Além disso, se pudermos, tentarmos adaptar o discurso à cultura do nosso interlocutor. No final, assegurarmo-nos que o nosso interlocutor nos percebeu, perguntando-lhe claramente se devemos repetir algumas ideias ou validando, de outra forma, que a mensagem passou.

2.4 Inteligência Cultural ou Quociente Cultural (QC)

A inteligência cultural ou QC (Quociente Cultural) foi definida inicialmente em 2003 por dois investigadores empresariais, Christopher Earley e Soon Ang, para avaliar a capacidade de adaptação a culturas diferentes. Todavia, um ano mais tarde, um relatório da Harvard Business Review, escrito por Christopher Earley e Elaine Mosakowski, descrevia a inteligência cultural como uma capacidade essencial para o sucesso nos negócios do século XXI. Desde então, a inteligência cultural tem atraído a atenção mundial em diversas disciplinas e tem sido citada em mais de 60 revistas académicas. A maioria parte da investigação examinou o que gera a inteligência cultural e analisou as estratégias para conduzir um QC elevado.

De acordo com Earley e Mosakowski (2010, pp.7-8), a inteligência cultural possui três dimensões:

➤ **Cabeça (inteligência cognitiva)**

A primeira dimensão é aprender as crenças, costumes e tabus de culturas estrangeiras por rotina. Por outras palavras, as pessoas que utilizam inteligência cognitiva tendem a observar os comportamentos dos outros e a obter conclusões gerais sobre as suas culturas com o fim de fazer intercâmbios bem-sucedidos. No entanto, usar apenas a cabeça poderá não preparar uma pessoa para todas as situações que surgem, nem evitar erros terríveis. Além disso, perguntar sobre o significado de alguns costumes revela-se muitas vezes inútil, uma vez que os habitantes locais provavelmente mostram relutância em explicar-se a estranhos ou têm pouca prática na análise da sua própria cultura.

➤ **Corpo (inteligência física)**

As pessoas utilizam mais a inteligência física como capacidade para conviverem bem com membros de culturas diferentes e mostrarem que compreendem as suas culturas. Ao mesmo tempo, os comportamentos deste grupo de pessoas mostram, em certa medida, que estes se integraram no mundo deles. A forma de cumprimento, o pedido de café, a capacidade de imitar os costumes e os gestos das pessoas à sua volta provarão que as valoriza suficientemente para querer ser ou estar como elas. Ao adotar os hábitos e os comportamentos das pessoas, acaba por compreender da forma mais básica como elas são. Por sua vez, elas tornar-se-ão mais confiantes e abertas relativamente ao estabelecimento de comunicação.

➤ **Coração (inteligência emocional)**

Fazer ajustes ou adaptações a uma nova cultura é algo caracterizado pela presença de muitos obstáculos e frustrações. Só se acreditarmos em nós próprios é que nos podemos integrar melhor na cultura local. Uma pessoa que não se considera capaz de compreender pessoas de culturas desconhecidas desistirá facilmente quando os seus esforços se depararem com hostilidade ou incompreensão. Em contrapartida, uma pessoa com elevada motivação, ao confrontar-se com obstáculos, retrocessos ou mesmo com o fracasso, volta a empenhar-se com maior energia. Para se manterem motivadas, as pessoas altamente eficazes não dependem da obtenção de recompensas, que podem ser pouco convencionais ou tardias. Por consequência, a confiança desempenha um papel vital na inteligência emocional. A persistência e a coragem em ultrapassar os desafios aumentará indubitavelmente a confiança para se integrar na cultura local.

Em suma, a inteligência cognitiva é a capacidade de aprender e compreender as outras culturas. A inteligência física é a capacidade de adotar comportamentos correspondentes a essas culturas. A inteligência emocional refere-se à motivação para aprender e à capacidade de viver, de forma emocionalmente apropriada, as experiências realizadas nessas culturas. As pessoas com maior facilidade de ajustamento a outras culturas, e que podem ter experiências culturais mais satisfatórias e frutuosas, são as que possuem maior inteligência cultural.

Earley e Mosakowski (2010, pp. 13-16) criaram um teste para diagnosticar a inteligência

cultural e concluir os seus perfis. Traduz-se e transcreve-se, de seguida, o dito documento:

Tabela 5: teste de diagnóstico relativo à inteligência cultural

| |
|---|
| Classifique o grau de concordância com cada afirmação |
| 1 = discordo totalmente, 2 = discordo, 3 = neutro, 4 = concordo, 5 = concordo totalmente. |
| <input type="checkbox"/> Antes de interagir com pessoas de uma nova cultura, pergunto-me o que espero conseguir. |
| <input type="checkbox"/> Se me deparo com algo inesperado enquanto trabalho numa nova cultura, utilizo essa experiência para descobrir novas formas de abordar outras culturas no futuro. |
| <input type="checkbox"/> Planeio como me vou relacionar com pessoas de uma cultura diferente antes de as conhecer. |
| <input type="checkbox"/> Quando chego a uma nova situação cultural, sinto imediatamente se algo está a correr bem ou se algo está errado. |
| Somar pontuações _____ ÷ 4 = _____ Cognitivo CQ |
| <input type="checkbox"/> É fácil para mim mudar a minha linguagem corporal (por exemplo, o contacto visual ou a postura) para me adaptar a pessoas de uma cultura diferente. |
| <input type="checkbox"/> Posso alterar a minha expressão quando um encontro cultural o exige. |
| <input type="checkbox"/> Modifico o meu estilo de discurso (por exemplo, o sotaque ou o tom) para me adaptar a pessoas de uma cultura diferente. |
| <input type="checkbox"/> Mudo facilmente a minha forma de atuar quando um encontro intercultural parece exigir isso. |
| Somar pontuações _____ ÷ 4 = _____ Físico CQ |
| <input type="checkbox"/> Estou confiante de que consigo lidar bem com pessoas de uma cultura diferente |
| <input type="checkbox"/> Tenho a certeza de que posso fazer amizade com pessoas cujos contextos culturais são diferentes dos meus. |
| <input type="checkbox"/> Posso adaptar-me ao estilo de vida de uma cultura diferente com relativa facilidade |
| <input type="checkbox"/> Estou confiante de que posso lidar com uma situação cultural desconhecida. |
| Somar pontuações _____ ÷ 4 = _____ Emocional / motivacional CQ |

Se, numa dada dimensão, o leitor obteve uma pontuação média inferior a 3, tal significa que essa área está possivelmente necessitada de melhoria. Uma pontuação superior a 4,5 significa um forte nível de inteligência cultural nessa dimensão. As pessoas podem ser mais fortes numa dimensão e mais fracas noutras, ou combinam as três dimensões de modos

diferentes, resultando daí dados distintos. Normalmente, a maioria das pessoas enquadra-se em, pelo menos, um dos seis perfis seguintes:

1. O *provinciano* denota fraca orientação nas três dimensões. As pessoas com este perfil podem ser impressionantes na sua própria cultura, mas inaptas numa cultura diferente dessa, dado que não entendem os seus interlocutores e não têm capacidade de fazer os ajustes apropriados à outra cultura. É fácil gerir incompreensões, confusões e conflitos. Geralmente, caracterizam-se por absorverem profundamente os hábitos e valores da sua própria cultura, ou seja, são intimamente etnocêntricos;
2. O *analista*, embora apresente um excelente nível na inteligência cognitiva e física, possui um nível deplorável na inteligência emocional. Este tipo de pessoa analisa metodicamente, e compreende, as regras e as particularidades culturais do país em que se situa. Posteriormente, estabelece uma variedade de estratégias pertinentes com o intuito de conviver com os autóctones, ultrapassar barreiras da comunicação intercultural e atingir os seus propósitos. Funciona como uma espécie de “cognição animal”, pois adapta-se rápida e facilmente ao novo ambiente, ou seja, compreende racionalmente o contexto, adotando comportamentos flexíveis e estratégias adequadas;
3. O *natural* dispõe de uma incrível orientação na inteligência física, superior aos outros dois. Esta categoria depende completamente da sua intuição em vez da aprendizagem sistemática do contexto cultural em que se move. Ao se encontrar numa nova situação, consegue perceber rapidamente os sinais culturais associados e obter a ideia geral sobre como agir de forma apropriada. Contudo, é possível falhar em situações de grande ambiguidade, visto que não é capaz de improvisar estratégias de aprendizagem nem de lidar eficazmente com sentimentos de desorientação;
4. O *embaixador* tem uma alta pontuação na inteligência emocional em comparação com os perfis já apresentados. O embaixador pode não conhecer muito bem a cultura acolhida, mas é capaz de convencer os seus interlocutores de que ele pertence aí. Por outras palavras, a sua vigorosa confiança na adaptação cultural garante-lhe inteligência cultural e, em especial, inteligência emocional. Além disso, possui a humildade para reconhecer a sua ignorância ou que desconhece dada informação,

isto é, embora também sintam desconforto na comunicação intercultural, devido a desconhecimento ou incompreensão, percebe perfeitamente que tal é consequência das diferenças culturais. Neste sentido, esforça-se por aumentar o seu nível de conhecimento sobre essa cultura de forma a se automotivar e não desistir da comunicação;

5. O *mímico* tem o elevado grau de inteligência física e emocional em comparação com o da inteligência cognitiva. O mímico anuncia grande controlo sobre os seus comportamentos, assimila eficientemente os sinais da envolvente cultural e adota o estilo de expressão e interação dos interlocutores. Por consequência, as pessoas com esta característica encontram-se habilitadas para deixar a outra parte à vontade, facilitando a comunicação e criando confiança mútua;
6. O *camaleão* destaca-se nos três domínios, sendo uma categoria rara. Pode mesmo ser confundido com um nativo do país. Aqueles com este perfil podem alcançar resultados que os autóctones não conseguem, posto que não só compreende inteiramente a cultural local, como também consegue delinear a sua própria análise da perspectiva de um observador externo. Utilizam diversos estilos de comunicação, de negociação e de relacionamento em concordância com o quadro cultural em que se movem.

Capítulo III

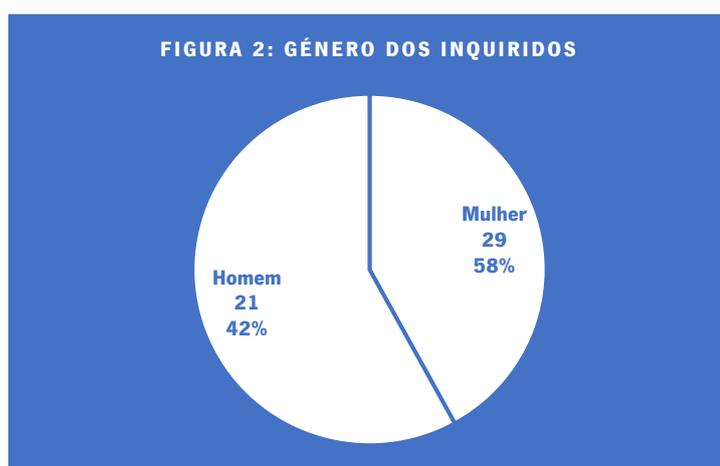
Adaptação à Cultura Portuguesa: a Perceção dos Chineses que Trabalham no Norte de Portugal

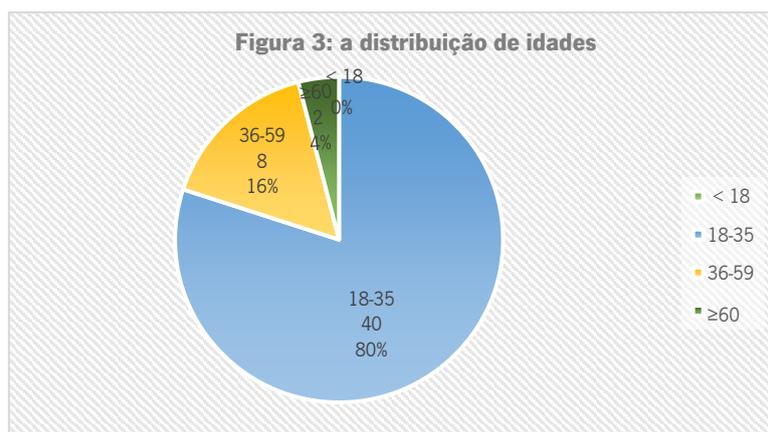
3.1 Questionário e resultados

A investigação empírica recolheu dados relativos a 50 chineses que trabalham no norte de Portugal. Estes imigrantes residem nas cidades do Porto e Braga, pelo que chamamos a atenção para o facto de, para além de ser um estudo que tem alguma limitação a nível do número de participantes, os resultados referem-se exclusivamente à adaptação de vida no literal nortenho português, mais precisamente à antiga região do Entre-Douro-e-Minho.

O questionário é composto por 25 perguntas, tanto fechadas como abertas. As perguntas fechadas foram concebidas para saber se os chineses em Portugal são capazes de se adaptar à cultura portuguesa, integrar-se na sociedade portuguesa e fazer os ajustamentos adequados e, de mais a mais, se pretendem continuar a viver em Portugal. As perguntas abertas têm como propósito descobrir como os chineses se sentem ao viver em Portugal, como percebem o choque cultural e como os seus hábitos se alteraram.

De acordo com a figura 2, pode ser observado que, dos inquiridos, 21 são homens (42%) e 29 são mulheres (58%). Conforme a figura 3, a maioria dos inquiridos são jovens (80%), as suas idades encontram-se entre os 18 e os 35 anos. Oito dos inquiridos estão na meia-idade e dois são idosos. Além disso, dos 50 inquiridos, nenhum é menor de idade, ou seja, tem menos de 18 anos.





No que diz respeito ao nível de escolaridade dos inquiridos, a proporção do ensino superior (40%) é mais alta do que o ensino básico (32%) e ensino secundário (28%). Em relação ao ensino superior, 60% dos inquiridos são licenciados, 30% são mestres e 10% são doutorados. Quanto ao ensino básico, existem três ciclos de escolaridade em Portugal. No entanto, existem apenas dois na China. O 1.º ciclo corresponde à escola primária, durando seis anos, e o 2.º equivale à escola liceal (初中, *chūzhōng*), que apresenta uma extensão de três anos. Normalmente, o nível de escolaridade na China é classificado em seis fases: escolaridade primária, escolaridade liceal, ensino secundário, licenciatura, mestrado e doutoramento. Como pode ser observado na tabela 6, as habilitações do ensino secundário ocupam a maior proporção. Por consequência, a partir de visão dos chineses, a maioria dos imigrantes chineses que trabalham no norte de Portugal não possuem habilitações tão altas.

Tabela 6: nível de escolaridade

| | Escolaridade primária | Escolaridade liceal | Ensino secundário | Licenciatura | Mestrado | Doutoramento |
|-----|-----------------------|---------------------|-------------------|--------------|----------|--------------|
| N.º | 6 | 10 | 14 | 12 | 6 | 2 |

Relativamente aos setores laborais e às funções desempenhadas profissionalmente, a tabela 7 indica que os chineses migrantes no norte de Portugal se concentram especialmente no setor do comércio. A maioria dos inquiridos trabalha como vendedor, empregado de mesa e cozinheiro. Além disso, muitos chineses argumentam que, se possível, tenderão a abrir uma loja

chinesa ou restaurante em Portugal.

Tabela 7: setores de trabalho e funções

| Setor | Funções | N.º |
|-------------|--|-----|
| Comércio | Patrão/gestor, vendedor de loja chinesa ou de supermercado e caixa | 28 |
| Restauração | Patrão/gestor, empregado de mesa e cozinheiro | 16 |
| Educação | Professores na Escola de Língua Chinesa em Portugal | 6 |

De acordo com a amostra dos resultados do questionário, no que diz respeito à questão das suas origens, das 50 pessoas inquiridas, como o mapa mostra abaixo (figura 4), 24 (48%) vêm da Província de Zhejiang (浙江省, *zhèjiāngshěng*), 10 (20%) da Província de Shandong (山东省, *shāndōngshěng*), 6 (12%) são oriundas da Província de Fujian (福建省, *fújiànshěng*) e 5 (10%) provêm da Província de Guangdong (广东省, *guǎngdōngshěng*). Os restantes vêm da Província de Liaoning (辽宁省, *liáoníngshěng*), Região Autónoma de Guangxi dos Zhuang (广西壮族自治区, *guǎngxī zhuàngzú zìzhìqū*) e Província de Shanxi (山西省, *shānxīshěng*).

Figura 4: distribuição dos inquiridos por localidade de origem



Segundo o artigo *relato de um habitante local sobre os imigrantes chineses em Portugal* (2018)¹⁶, em 1921, um grupo de chineses de Qingtian (青田县, *qīngtiánxiàn*), condado localizado na cidade de Lishui(丽水市, *lǐshuǐshì*) da Província de Zhejiang, deixou a sua terra natal, apanhando barco a vapor e, após vários dias no mar, desembarcou finalmente na cidade do Porto, em Portugal. Estabeleceram-se perto da estação ferroviária de São Bento, onde fundaram alguns pequenos negócios e, a partir daí, o seu destino pessoal ficou ligado à estranha terra de Portugal. Este é o mais antigo registo de imigrantes chineses nos arquivos históricos oficiais de Portugal, neste caso, presentes no Arquivo do Governo Civil do Porto. Cem anos depois, a trajetória desses primeiros imigrantes há muito que se perdeu, mas a presença de imigrantes chineses em Portugal nunca desapareceu. 75% destes expatriados eram provenientes da Província de Zhejiang, sendo os restantes maioritariamente oriundos das Províncias de Fujian, Guangdong, Shandong ou das cidades de Pequim (北京市, *běijīngshì*), Xangai (上海市, *shànghǎishì*) e Macau.

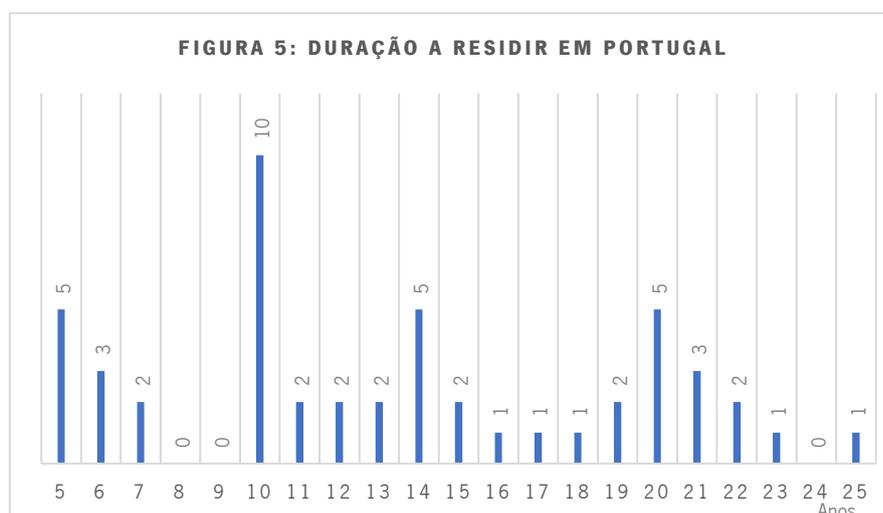
No que é atinente aos motivos pelos quais os inquiridos decidiram emigrar ou trabalhar em Portugal, ganhar a vida, ou seja, procurar oportunidades de emprego (40%), é a opção mais apontada (tabela 8). A maioria dos respondentes indica que é muito difícil encontrar um trabalho com bom salário na China, algo que contribui para elevados níveis de *stress*. De acordo com uma empregada de mesa inquirida, os salários em Portugal são mais elevados do que na China, sendo que, para mais, o horário de trabalho em Portugal é mais curto e ela ainda pode desfrutar da sesta. Curiosamente, muitos jovens entre os 18 e os 25 anos de idade escolhem emigrar para Portugal por causa do estilo de vida. Por outras palavras, eles desejam viver uma vida com ritmo lento e boa qualidade. Os inquiridos de meia-idade, por sua vez, vêem-se mais preocupados com os salários elevados. A meu ver, talvez as pessoas entre os 30 e os 45 anos precisem de apoiar a família e, por esse motivo, tendem a procurar emprego com salário alto. No entanto, como referido no capítulo 2.2, a China é um país masculino e cheia de competição e *stress* laboral. Isto posto, os jovens estão fartos de "neijuan", preferindo desfrutar a vida e viver num país mais relaxado com um belo ambiente natural.

¹⁶ Informação obtida em <https://m.juwai.com/news/249138>, consultado no dia 04 de julho de 2023.

Tabela 8: razões de trabalhar em Portugal

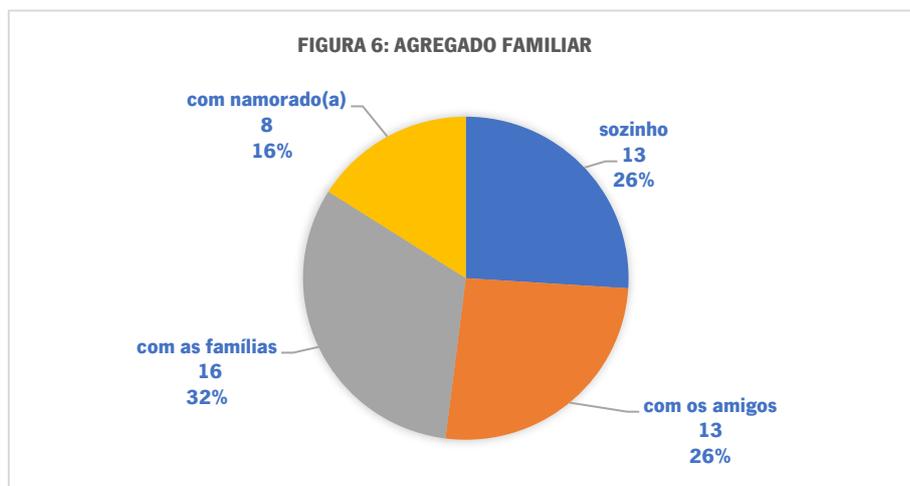
| Motivos | N.º de pessoas | Proporção |
|---|----------------|-----------|
| Mais oportunidades de emprego | 20 | 40% |
| Salário mais alto | 14 | 28% |
| Melhor qualidade da vida | 11 | 22% |
| Melhores perspetivas de desenvolvimento comercial | 5 | 10% |

No que toca ao tempo de residência em Portugal, apresenta-se a figura 5. Todos os inquiridos vivem em Portugal há, pelo menos, cinco anos. É de salientar que um imigrante já vive em Portugal há 25 anos, sendo o inquirido a residir há mais anos em Portugal. Além disso, dez pessoas já vivem em Portugal há 10 anos. Dois inquiridos moram neste país há 15 anos e cinco respondentes estabelecem-se há 20 anos.



Em relação ao agregado familiar (figura 6), 16 pessoas vivem com as suas famílias, 13 pessoas vivem sozinhas, que é o mesmo número de pessoas que vivem com amigos. Oito pessoas vivem com namorado(a). Como se pode ver, a maioria dos imigrantes chineses vivem acompanhados. Isso deve-se ao facto de, normalmente, o patrão do restaurante ou da loja chinesa oferecer residência aos seus trabalhadores, os quais viverão juntos em dado

apartamento, por exemplo.



3.2 Análises dos dados: a percepção dos chineses à cultura portuguesa

Com o propósito de investigar profundamente os conhecimentos da comunidade chinesa sobre a cultura portuguesa, a autora concebeu um conjunto de perguntas sobre a sua situação antes de virem para Portugal, nomeadamente "Qual é o seu nível de conhecimento da cultura portuguesa?" e "Qual é o seu conhecimento sobre Portugal?". Em relação à primeira pergunta (figura 7), 46% dos inquiridos consideram que conhecem apenas um pouco da cultura portuguesa, enquanto 22% pensam que não compreendem nada sobre a mesma. Somente uma pessoa se assume como profunda conhecedora da cultura portuguesa. No que concerne à segunda pergunta, na tabela 9, muitos inquiridos mencionaram aspetos relativos ao desporto, à gastronomia e ao ambiente. De referir ainda que alguns respondentes indicaram igualmente possuir conhecimentos de economia e história. De acordo com os resultados, podemos observar que, antes de virem para Portugal, os chineses imigrantes interessavam-se mais pelas circunstâncias de vida no país. Muitas pessoas ouviram dizer que Portugal é um país calmo com as paisagens belas e ar fresco.

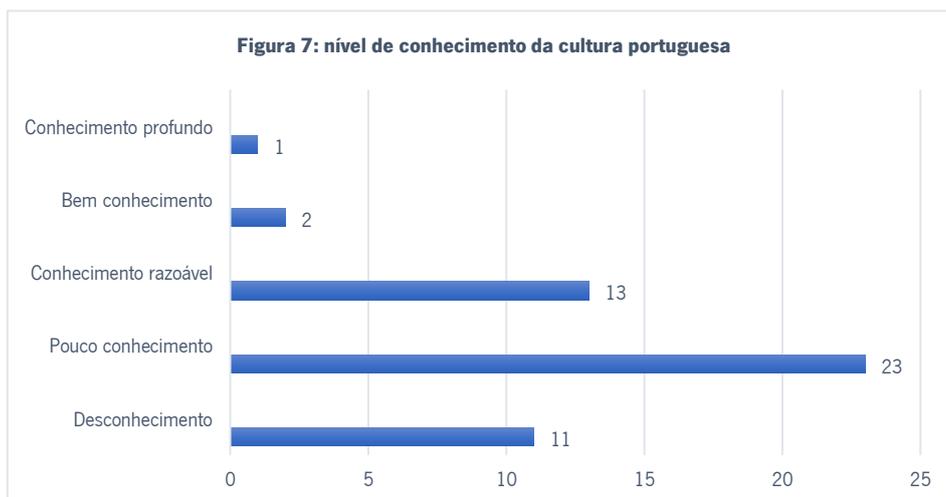
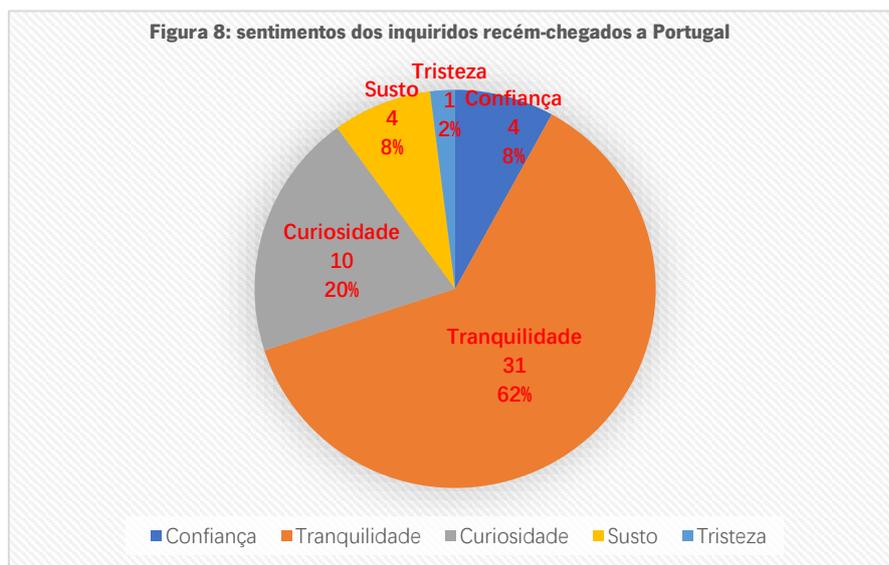


Tabela 9: conhecimento sobre Portugal

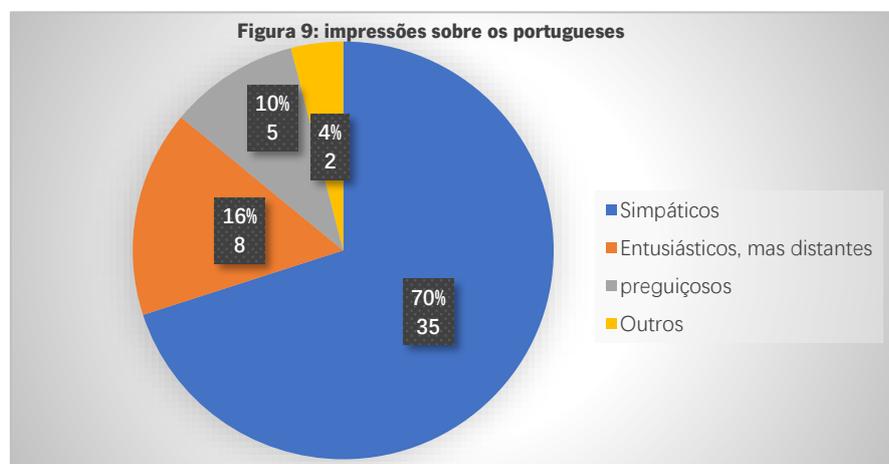
| Conhecimento | N.º de pessoas |
|--|----------------|
| Futebol excelente | 10 |
| Pastéis de nata e vinho muito famosos | 5 |
| Clima agradável e ambiente bonito | 15 |
| País tranquilo, pequeno e sem pressões | 18 |
| Economia atrasada em comparação com outros países europeus | 2 |

Quanto aos sentimentos dos inquiridos recém-chegados a Portugal, na figura 8, 62% dos inquiridos sentiam-se tranquilos e 20% estavam curiosos. A proporção referente a “confiança” e “susto” é equivalente (8%). Apenas uma pessoa se sentia triste. Por consequência, os inquiridos conseguiram aceitar facilmente as alterações nos seus padrões de vida, não se sentindo deprimidos por trabalharem num lugar distante da terra natal. Este resultado coincide igualmente com as dimensões da cultura de Hofstede, nas quais a China é um país com baixo UAI. Há muitos trabalhadores migrantes dentro do vasto território chinês que para aí se deslocam para lograr na vida. Aliás, as pessoas de cada cidade têm os seus próprios hábitos de vida, sendo que mesmo a língua possui grande diferença. Por exemplo, ninguém consegue compreender dialeto de Qingtian, tal-qualmente uma nova língua sem gramática, exceto os habitantes locais. Então, os trabalhadores migrantes também precisam de fazer ajustes adequados para se adaptarem à vida local. Tudo isso é semelhante à situação de trabalhar no

estrangeiro. Por consequência, a maioria dos chineses migrantes ou emigrantes sente-se tranquila e mantém a atitude de aceitar facilmente as alterações dos hábitos de vida. Além disso, o salário em Portugal, comparativamente falando, é mais alto. Como sabemos, o dinheiro desempenha o papel fundamental na vida dos chineses.



Em relação às impressões sobre os portugueses, na figura 9, quase todos chineses (70%) acham que os portugueses são simpáticos. Alguns inquiridos (16%) indicaram que os portugueses são calorosos, mas distantes, tendo os seus próprios grupos, sendo, portanto, um pouco difícil integrar-se. Poucos (10%) consideram que são um pouco preguiçosos. De resto, apontam ainda outras características como “tradicionais”, “persistentes” e “liberais”.



No que se refere à adaptação à vida em Portugal (tabela 10), 37 pessoas adaptaram-se com uma taxa satisfatória à vida neste país e 13 pessoas conseguiram habituar-se completamente. Além disso, não há um único inquirido que não se tenha sentido enquadrado em Portugal. A respeito do nível da satisfação da vida no país (tabela 11), a maioria das pessoas (66%) mostra satisfação parcial, 22% dos inquiridos estão completamente satisfeitos e 10% não se importam, ou seja, não se sentem nem satisfeitos, nem insatisfeitos. Outrossim, ninguém está insatisfeito com a vida em Portugal.

Tabela 10: adaptação à vida em Portugal

| | N.º de pessoas | Proporção |
|------------------------|----------------|-----------|
| Adaptado completamente | 13 | 26% |
| Adaptado | 37 | 74% |
| Desadaptado | 0 | 0% |

Tabela 11: nível da satisfação da vida em Portugal

| | N.º de pessoas | Proporção |
|----------------------------------|----------------|-----------|
| Satisfeito completamente | 12 | 24% |
| Satisfeito parcial | 33 | 66% |
| Não satisfeito, nem insatisfeito | 5 | 10% |
| Insatisfeito parcial | 0 | 0% |
| Insatisfeito completamente | 0 | 0% |

Com o intuito de conhecer alargadamente o estilo de vida dos imigrantes chineses, a autora colocou uma questão: "Quais são hábitos comportamentais dos portugueses que mais o surpreendem?". Outra questão é "Qual é a sua maior dificuldade na vida em Portugal?". Em referência à primeira questão, a tabela 12 resume os hábitos comportamentais dos portugueses que estranham os chineses e está organizada por ordem decrescente. De acordo com os resultados, a maioria dos inquiridos foram surpreendidos pela ineficiência do sistema de agendamentos dos serviços sociais, em particular, SEF e banco. Esta é uma enorme diferença

em relação à situação na China. Na prática, as organizações de serviços sociais chinesas são capazes de resolver os pedidos num dia, ou mesmo numa hora. A eficiência é fundamental. Por conseguinte, esta diferença é provavelmente a razão pela qual 66% dos inquiridos se sentem parcialmente satisfeitos (tabela 11) com as suas vidas em Portugal. Muitos inquiridos ainda referem que há vários feriados em Portugal, nomeadamente os feriados religiosos, o que não se verifica na China. Interessantemente, os cozinheiros e empregados de mesa entrevistados dos restaurantes queixam-se mais sobre a quantidade elevada de feriados, visto que quanto mais festivais houver, mais clientes têm de atender.

De mais a mais, alguns dos inquiridos indicam que os portugueses se habituaram a dividir a conta no momento do pagamento, algo que não é muito comum na China. Efetivamente, muitos conceitos da comunicação social chinesa encontram-se relacionados à palavra "comer". Por exemplo, "ciúme" é chamado "comer vinagre" (吃醋, *chīcǔ*), "ser altamente apreciado e valorizado" é "comer deliciosamente" (吃香, *chīxiāng*) e "ser bonito" significa que "a beleza pode servir como a refeição" (秀色可餐, *xiùsèkěcān*). Os chineses estão habituados a colocar a mesa de jantar no centro das suas vivências, dado que não só transmite emoções, mas também porque cumpre a função da comunicação social. Há muitas ocasiões em que os chineses convidam para jantar, tais como obtenção de uma promoção, mudança para uma nova casa, namoro, casamento, nascimento e até mesmo a negociação entre os rivais comerciais. Normalmente, antes do jantar, os chineses já sabem quem paga ou quem os convida para o jantar, portanto raramente dividem a conta. Como o jantar dos chineses serve frequentemente para a comunicação social, a chave não é o que se come, mas sim com quem e porque se come. Comer promove amizades e resolve dificuldades e conflitos e, dessa forma, a cultura da mesa de jantar é a maneira de os chineses lidarem com os mais variados assuntos.

Tabela 12: hábitos comportamentais dos portugueses que os chineses consideram como estranhos

| |
|--|
| Ineficiência de alguns serviços sociais. |
| A necessidade de fazer fila de espera para marcar atendimentos e tratar de assuntos. |
| A lentidão do ritmo de vida. |

| |
|---|
| Falta de pontualidade. |
| Número elevado de feriados. |
| Hábito em cumprimentar pessoas na rua. |
| Persistentes e pouca vontade em aceitar coisas novas. |
| Gosto em beber cerveja na rua. |
| Enorme gosto em tomar café. |
| Gosto enorme em participar em festas. |
| Divisão da conta no ato do pagamento. |
| Inexistência do hábito de poupar dinheiro. |

Em relação à questão “Qual é a sua maior dificuldade na vida em Portugal?” (tabela 13), 19 pessoas apontam que não conhecem as leis portuguesas. 15 inquiridos indicam diferenças a nível da língua. Há 11 pessoas que indicam os serviços sociais, em particular as marcações demoradas na maioria das organizações dos serviços sociais, como SEF, Autoridade Tributária e Aduaneira e Segurança Social. Os restantes mencionam as diferenças na gastronomia, a nível de variedade de escolha e na própria velocidade nas compras online. Nas diferenças a nível gastronómico, um inquirido destacou que a inexistência de bancas de feirantes noturnas ou mercado noturno (夜摊/夜市, yè tān/yè shì). Dar uma volta pelo mercado noturno é muito popular desde os tempos antigos na China. As pessoas podem comparar artigos variados e interessantes por um preço mais baixo em comparação com uma loja fiscalmente estabelecida. Ademais, existem diversos pratos típicos que podem ser adquiridos. Normalmente, o horário regulado de funcionamento dos mercados noturnos decorre desde as 17h00 até à meia-noite. No entanto, nas cidades pequenas ou não muito desenvolvidas, o horário não possui regras obrigatórias. Segundo as suas próprias circunstâncias, os vendedores podem trabalhar até as 02h00. Os chineses, especialmente os mais jovens, gostam muito de comer e beber à noite em bancas à beira da rua para diminuir o *stress* acumulado durante um dia inteiro de trabalho à semelhança dos portugueses que gostam de beber cerveja na rua.

Tabela 12: maior dificuldade na vida em Portugal

| | N.º de pessoas | Proporção |
|--|----------------|-----------|
| Desconhecimento das leis portuguesas | 19 | 38% |
| Língua | 15 | 30% |
| Serviços sociais | 11 | 22% |
| Diferenças de gastronomia | 4 | 8% |
| Falta de variedade e velocidade nas compras online | 1 | 2% |

No que concerne à pergunta "Continua a manter hábitos chineses?", na figura 10, 72% dos inquiridos já adotaram alguns hábitos dos portugueses, 22% não adotaram completamente os hábitos dos portugueses e só mantêm os chineses, 3% adotaram totalmente os hábitos dos portugueses.



A fim de conhecer com maior profundidade os hábitos dos chineses em Portugal e se aconteceram mudanças nos mesmos, a autora fez a pergunta: "Como mudaram os seus hábitos comportamentais em comparação com a China?". De acordo com a tabela 13, por ordem decrescente, abrandar o ritmo de vida e começar a beber café foram os mais citados. Muitos inquiridos apontam que a sua rotina diária mudou, começaram a dormir tarde e a acordar tarde, podendo, aliás, podem a sesta. Ademais, há menos horas de trabalho por dia do que na China.

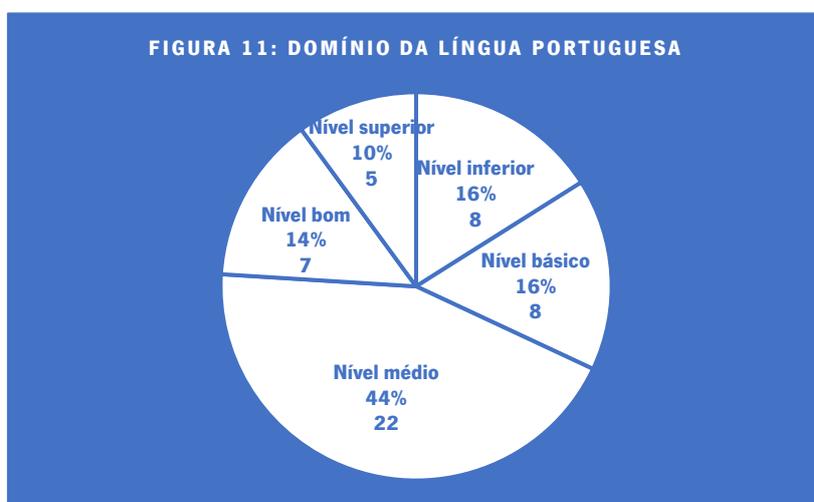
Algumas pessoas gostam de ir à praia no verão, outras gostam de beber vinho. Posteriormente, quando ocorreram alguns problemas ou tiveram de tratar alguns assuntos nas organizações sociais, é frequente pedir ajuda aos advogados. Na China, as pessoas tendem a encontrar conhecidos nos domínios em que têm dificuldades para os ajudar a resolver os problemas em vez de pagarem a alguém.

Tabela 13: hábitos comportamentais mudados em comparação com a China

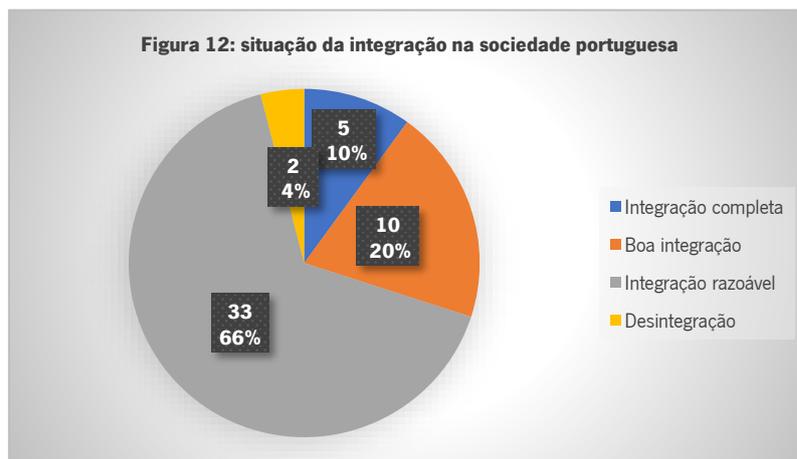
| |
|---|
| Maior lentidão no ritmo de vida. |
| Ingestão de café. |
| Alteração no horário de sono (horas para acordar e dormir) |
| Ida à praia no verão. |
| Ingestão de vinho. |
| Dormir a sesta. |
| Pedido de ajuda aos advogados caso ocorram problemas ou quando se está a tratar de assuntos nas organizações sociais. |

Em relação aos festivais tradicionais chineses celebrados em Portugal, todos os inquiridos indicam que os continuam a celebrar. No entanto, nem todos os festivais são, efetivamente, festejados, pois apenas três foram mencionados. Indubitavelmente, o Ano Novo Chinês (春节, *chūnjié*) é o mais referido. O Ano Novo é muito importante para todos os chineses, tal como o Natal em Portugal, sendo um feriado em que as famílias se reúnem para celebrar. Todas as lojas fecham e praticamente não se vê pessoas na rua. A seguir, é mencionado o Festival do Meio do Outono (中秋节, *zhōngqiūjié*) e o Festival dos Barcos de Dragão (端午节, *duānwǔjié*). No Festival do Meio do Outono, os imigrantes chineses, regra geral, compram bolinhos da lua (月饼, *yuèbǐng*) nos supermercados asiáticos em Portugal e reúnem-se em família para jantar, apreciando a lua cheia. Acerca do Festival dos Barcos de Dragão, os imigrantes chineses comem *Zongzi* (粽子, *zòngzi*), um bolo feito com arroz bem cozido, envolvido em duas folhas de bambu e apertado com um fio de algodão. Existem vários tipos de recheio, como, por exemplo, ovos, carnes e feijão vermelho, entre outros. Também são vendidos em supermercados asiáticos.

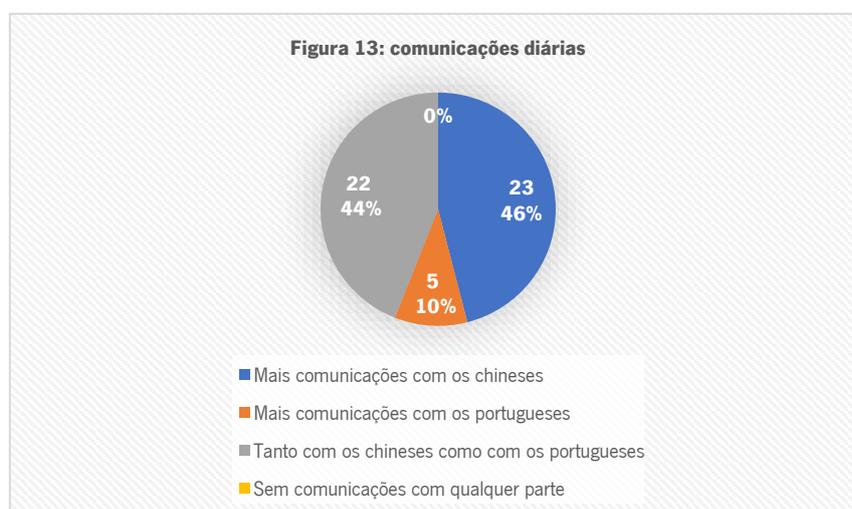
No que se refere ao domínio da língua portuguesa, a autora classificou-o em cinco níveis. O *nível inferior* significa que o inquirido não possui conhecimento sobre a língua portuguesa. O *nível básico* indica conhecimento de poucas palavras ou de cumprimentos. O *nível médio* permite a comunicação diária simples. O *nível bom* representa a comunicação complexa, por exemplo, referente a atividades nas organizações sociais (marcação ou tratamento de assuntos pessoais, por exemplo). O *nível superior* implica a comunicação como os nativos. De acordo com a figura 11, 22 pessoas escolham o nível intermédio, oito inquiridos encontram-se no nível básico, dados semelhantes ao nível inferior. Sete e cinco pessoas consideraram o seu nível bom ou superior, respetivamente. Podemos observar que a maioria dos inquiridos consegue comunicar facilmente, e numa base diária, com os portugueses. De acordo com as repostas dos inquiridos, todos eles estão dispostos a aprender a língua portuguesa. No entanto, muitos indicam que só aprendem um pouco durante o trabalho e não conseguem absorver o conhecimento de forma sistemática, uma vez que gastam a maior parte da energia no trabalho.



Em relação à integração na sociedade portuguesa, pode ser observado, na figura 12, que 66% dos inquiridos se integraram razoavelmente, 20% dos respondentes apresentam uma boa integração, 10% das pessoas conseguiram integrar-se completamente e duas pessoas não se integraram de todo na sociedade portuguesa.



No que é atinente à situação dos hábitos de comunicação quotidianos (figura 13), ou seja, com quem os chineses imigrantes comunicam mais, 23 pessoas comunicam mais com os chineses, 22 pessoas comunicam de igual forma tanto com os chineses como com os portugueses e somente cinco pessoas comunicam mais com os portugueses. Nenhum chinês selecionaram a opção de sem comunicação com qualquer parte.



Com o objetivo de saber como os imigrantes chineses se integram na sociedade portuguesa, a autora concebeu uma pergunta: " Como se ajustou para se adaptar melhor à vida em Portugal?". Os pontos apresentados encontram-se resumidos na tabela 14 por ordem decrescente. A maioria dos inquiridos demonstra a tendência em aprender a cultura e a língua portuguesa, ou seja, procura adaptar-se à vida nativa portuguesa. De acordo com a figura 13

acima referida e a tabela 14, os inquiridos não só mantêm as suas próprias identidades culturais, como também procuram estabelecer conexões com os grupos locais. Por conseguinte, é possível afirmar-se que os chineses imigrantes procedem a uma integração com grande sucesso. Além disso, os 50 inquiridos continuam dispostos a viver em Portugal no futuro.

Tabela 14: ajustamentos feitos pelos inquiridos

| |
|---|
| Aprendizagem dos hábitos e costumes dos portugueses para adaptação à vida local. |
| Aprendizagem da língua portuguesa. |
| Maior relaxamento e aproveitamento da vida. |
| Trabalho de acordo com a preferência ou estilo dos portugueses. |
| Fortalecimento da paciência para adaptação à eficiência das organizações sociais. |

3.3 Reflexões sobre o inquérito

Com base nos resultados do inquérito apresentado, o presente subcapítulo dedica-se a analisar e discutir profundamente os resultados obtidos a fim de propor algumas soluções e fortalecer a comunicação entre os dois povos.

As diferenças culturais entre Portugal e China são um fator crucial que influencia a adaptação dos imigrantes chineses à vida em Portugal. Os parágrafos seguintes focar-se-ão nas respostas dos inquiridos, particularmente nas questões subseqüentes:

1. Quais são os hábitos comportamentais dos portugueses que mais o surpreendem?
2. Qual é a sua maior dificuldade na vida em Portugal?
3. Como se ajustou para se adaptar melhor à vida em Portugal?

De acordo com a amostra do questionário, podemos observar claramente que os chineses e portugueses têm diferentes perceções no aspeto do modo como se relacionam com outras pessoas, das estratégias para lidar com os determinados assuntos e do estilo de vida.

Em primeiro lugar, o comportamento sobre a divisão da conta, na perspetiva dos chineses, significa que as relações entre as pessoas envolvidas não são estreitas. Por consequência,

muitos inquiridos, especialmente os funcionários chineses em restaurante, indicaram que não conseguiam compreender este fenómeno na sociedade portuguesa. Por um lado, como mencionado anteriormente, os chineses têm uma cultura específica da mesa de jantar, dado que esta é usada para transmitir emoções e resolver problemas. Como se diria popularmente, “hoje pagas tu, amanhã pago eu”. Por outro lado, os chineses procuram continuamente uma eficiência elevada, portanto, o pagamento de somente uma pessoa é mais rápido e conveniente. De vez em quando, é possível verificar que as outras pessoas da mesma mesa de jantar fazem transferência do valor em segredo para quem pagou. Pode afirmar-se que a cultura da mesa de jantar é uma maneira para criar amizades por parte dos chineses. Por conseguinte, ao convidarem os portugueses para jantar, normalmente, os chineses vão pagar com antecedência. Isso significa que os chineses estão dispostos a criar uma amizade com eles. Nesse momento, os portugueses não precisam de sentir vergonha ou insistir na divisão da conta. Na próxima vez, podem ser eles a convidá-los. Assim, a amizade entre as duas partes prolongar-se-á para sempre.

Em segundo lugar, a maioria dos inquiridos indicou a ineficiência dos serviços sociais e a necessidade de fazer fila de espera para marcar atendimentos e tratar de determinados assuntos. Além disso, 66% deles estão parcialmente satisfeitos sobre a vida em Portugal, provavelmente em sequência deste fenómeno. "Marcar" e "esperar na fila" são as estratégias mais comuns dos portugueses para lidar com este tipo de assunto, quer nas entidades públicas, quer nos restaurantes, o que é algo estranho e penoso para os chineses imigrantes. Este estilo de "ineficiência" reflete-se também no quotidiano dos portugueses, ou seja, a lentidão do ritmo de vida. Além disso, os portugueses têm vontade de aproveitar o tempo para gozar a vida, enquanto os chineses consideram que "tempo é dinheiro" e aproveitam-no para criar riqueza. De facto, a China talvez apresente um ritmo demasiadamente elevado por aí existirem variegadas populações. A tentativa de resolver problemas para tantas pessoas e de desenvolver a economia exige uma concentração na eficiência elevada. Por contraste, Portugal, como país desenvolvido com menor população, não tem a necessidade de procurar essa velocidade. Por esse motivo, perante este fenómeno, os chineses imigrantes podem abrandar para gozar a vida, tomar café ou passear na rua para apreciar o ambiente local.

Posteriormente, em relação à maior dificuldade na vida em Portugal, o ponto mais referido

foi o desconhecimento das leis portuguesas, em particular o desconhecimento das leis laborais para os patrões chineses dos restaurantes ou das lojas. Estes veem os portugueses como pessoas preguiçosas e indiligentes. Este aspeto pode ser explicado pela teoria de Hofstede sobre as seis dimensões culturais, sobretudo a distância ao poder e aversão à incerteza. Apesar de ambos os países terem alto PDI, o índice da China é mais elevado do que o de Portugal. Os chineses acreditam que os subordinados devem obedecer aos seus superiores. Desde que o patrão nos diga para o fazermos, temos de o cumprir, independentemente do tempo que demore e de quem fosse inicialmente responsável pela tarefa. Os patrões chineses relatam que os seus funcionários portugueses não se esforçam pelos trabalhos e não querem fazer horas extraordinárias, criando-lhes más impressões. Além disso, reflete-se a forte aversão à incerteza dos portugueses e a alta tolerância à ambiguidade dos chineses. Isso significa que os portugueses seriamente seguem as leis e não é fácil aceitarem ambiguidade e alterações. Por conseguinte, relativamente ao horário do trabalho regulado pelas leis laborais, os funcionários portugueses não obedecem aos patrões chineses incondicionalmente para fazer horas extraordinárias, enquanto os chineses, normalmente, escolhem aceitação. Por causa desta diferença cultural, é necessário os chineses conhecerem as leis laborais portuguesas e evitarem os estereótipos que os portugueses geralmente lhes atribuem.

O psicólogo intercultural canadiano, John Berry, propôs um modelo de aculturação em 1990, no qual defendia que a estratégia de um indivíduo para lidar com a adaptação intercultural é determinada por dois fatores principais: a atitude do indivíduo em relação à manutenção das suas tradições e identidade culturais originais e o modo como o indivíduo procura estabelecer novas relações interpessoais com a cultura dominante do novo ambiente. Estes dois fatores interagem para formar quatro modos diferentes de aculturação: assimilação, separação, integração e marginalização. No que se refere aos ajustamentos feitos pelos chineses imigrantes, podemos observar que eles estão dispostos a aprender os hábitos e costumes dos portugueses. Ademais, ainda mantêm as suas próprias culturas tradicionais. Diante disso, de acordo com a tabela 15, os chineses imigrantes a residir em Portugal fazem a integração com bom sucesso. No entanto, devido às diferenças culturais, não conseguem adaptar-se à cultura portuguesa, ou ainda se encontram a um nível baixo.

Tabela 15: características dos quatro modos de aculturação, segundo Berry (1990)

| | Se mantém a identidade cultural original | Se tem relacionamento com os grupos de países de destino |
|----------------|--|--|
| Assimilação | Não | Sim |
| Separação | Sim | Não |
| Integração | Sim | Sim |
| Marginalização | Não | Não |

O objetivo desta dissertação é investigar se os imigrantes chineses que trabalham no norte de Portugal estão ou não a adaptar-se à cultura portuguesa. A autora espera que a comunidade chinesa se possa integrar verdadeiramente na sociedade portuguesa, especialmente na sua cultura. Consequentemente, propõem-se as seguintes soluções:

1. Tratar as diferenças culturais com uma atitude correta e positiva

Embora o conceito "tempo é dinheiro" esteja gravado profundamente na mente do povo chinês, também há um ditado chinês que diz que o trabalho lento torna o trabalho perfeito (慢工出细活, *màngōng chū xīhuó*). A lentidão do ritmo da vida dos portugueses tem as suas vantagens e desvantagens. De facto, os chineses imigrantes devem relaxar e apreciar as paisagens à sua volta neste país sem "neijuan" forte e *stress* laboral.

2. Ser proficiente na língua portuguesa

Indubitavelmente, a língua é um instrumento básico na adaptação à vida em Portugal. Apesar de ser importante a linguagem não verbal, ou seja, o significado oculto por trás da cultura, o domínio da língua portuguesa é permanentemente a maneira eficaz para resolver problemas. Ao ocorrerem mal-entendidos ou ao travarem amizade com portugueses, a língua tem desempenhado um papel fundamental.

3. Promover a capacidade da comunicação intercultural

Após o domínio da língua portuguesa, os chineses começam a prestar mais atenção à cultura portuguesa. É essencial fazer a interpretação correta da linguagem não verbal. De mais a mais, é necessário enfrentar as barreiras à comunicação intercultural e promover o nível da

inteligência cultural com o fim de comunicar eficazmente. Os imigrantes chineses devem tentar manter-se em contacto com os portugueses e, por exemplo, convidá-los frequentemente para jantar tanto quanto possível.

4. Fortalecer a capacidade da adaptação intercultural

Os chineses imigrantes não só precisam de compreender as diferenças culturais, mas também fazer ajustes adequados para a integração mais aprofundada à cultura portuguesa. Isso exige que nos coloquemos no lugar da outra parte para compreender corretamente os seus comportamentos. Não se deve julgar os costumes culturais dos outros a partir dos próprios valores culturais de forma a evitar divergências e discriminações.

Conclusão

As relações entre Portugal e China na área económica, comercial e cultural remontam ao século XVI. À medida que as relações sino-portuguesas se estreitam, cada vez mais chineses ouvem falar de Portugal, procurando oportunidades de emprego neste país. No entanto, as diferenças culturais são um fator crucial que interfere no sucesso ou no fracasso das relações interpessoais no seu quotidiano. Por consequência, é essencial perceber não apenas a própria identidade cultural, mas também possuir conhecimentos sobre as múltiplas dimensões culturais dos outros países e de uma visão correta das diferenças culturais.

A importância da comunicação intercultural radica na promoção da compreensão mútua, do respeito e da cooperação entre diferentes culturas. Com a aceleração da globalização, a comunicação intercultural está a tornar-se cada vez mais comum, o que significa que temos de prestar maior atenção às diversidades entre diferentes culturas e de respeitar e aceitar essas diferenças culturais. A comunicação intercultural pode promover a harmonia entre culturas e eliminar mal-entendidos e preconceitos

O primeiro capítulo apresenta o desenvolvimento das relações sino-portuguesas ao longo dos séculos. Os laços entre Portugal e China, em resumo, experimentaram períodos de recolha informações, contrabando na China, início de um comércio regulamentado, arrendamento de Macau, manutenção de relações estáveis, ocupação de Macau e estabelecimento formal de relações diplomáticas. Em diante, o relacionamento no domínio da cultura, economia e política entre ambas as partes tem-se tornado mais estreito.

No segundo capítulo, a autora põs em evidência alguns estudos sobre a comunicação intercultural, barreiras à comunicação e a inteligência cultural com o fim de conhecer melhor as diferenças culturais entre os dois países e promover a mútua confiança cultural, com especial destaque para a teoria das dimensões culturais, comparando os costumes culturais entre os dois países e fornecendo exemplos para compreender fácil e reciprocamente as diferenças culturais e reduzir estereótipos.

O terceiro capítulo analisou os resultados do questionário elaborado pela autora. A amostra do questionário compõe-se de 50 inquiridos que trabalham no norte de Portugal. Revelou-se que os chineses imigrantes, em grande parte, apresentam um nível de adaptação à vida e integração

na sociedade portuguesa. Apesar de existirem dificuldades relacionadas ao baixo domínio da língua portuguesa e conhecimento das leis, a maioria dos chineses tem capacidade para, como se costuma dizer, em Roma serem romanos (入乡随俗, *rùxiāngsuísù*).

A maioria dos chineses pode optar por estratégias adequadas de integração na sociedade portuguesa. No entanto, ainda precisam de aumentar a frequência do contato com os nativos para se adaptarem melhor à cultura local. Isso exige que o domínio da língua portuguesa alcance um bom nível. Ainda que todos os inquiridos mantenham uma atitude positiva sobre a aprendizagem da língua portuguesa, as pessoas que tomam atitude são poucas. De facto, aprender a língua da outra pessoa pode ajudar a compreender melhor a sua cultura, facilitar a comunicação, evitar barreiras linguísticas e fazer a outra pessoa sentir respeito e preocupação.

Os padrões chineses devem aumentar a consciência em relação às diferenças e características entre dois países, incluindo aspetos de cortesia, costumes, crenças e valores. Isto pode facilitar o desenvolvimento da confiança e da cooperação, evitando, por exemplo, a perda dos funcionários portugueses. Além disso, é necessário conhecer e respeitar a cultura portuguesa e evitar queixar-se ou criticar as suas práticas culturais. Também é importante tentar evitar impor os seus próprios pontos de vista e crenças, dando mais apoio e ajuda aos empregados que estão a sofrer o choque cultural. Os comentários negativos e os estereótipos sobre a cultura portuguesa devem ser evitados o mais possível.

Posteriormente, é muito importante construir boas relações interpessoais, tentar manter uma atitude positiva e harmoniosa e encontrar pontos comuns e interesses para uma melhor cooperação e comunicação. A construção de boas relações interculturais exige o desenvolvimento da confiança e da cooperação. Na comunicação, é necessário manter a honestidade e a transparência, respeitar os sentimentos e as necessidades uns dos outros e reforçar constantemente a cooperação e o contacto. É também muito importante manter um espírito aberto, isto é, não fazer quaisquer preconceitos ou juízos antecipados e aceitar, na sua maior medida possível, os diferentes pontos de vista e opiniões da outra parte.

Com certeza, há cada vez mais intercâmbios entre os dois países, seja um maior número de estudantes portugueses que aprendem a língua chinesa, seja uma maior quantidade de chineses dispostos a realizar investigação em Portugal. A autora espera que esta dissertação

possa fornecer algumas ideias para promover compreensões mútuas e ajudas no quesito da adaptação mais bem-sucedida à vida num segundo país.

Referências bibliográficas

- Barreto, L.F. (2007). 1555: Macau's Birth Certificate. *History & Culture*, 4(4), 78-99.
- Berry, J. W. (1990). Psychology of acculturation. In J. J. Berman (Ed.), *Nebraska Symposium on Motivation, 1989: Cross-cultural perspectives* (pp. 201–234). University of Nebraska Press.
- Deng, X.P. (1994). *Escritos Seleccionados de Deng Xiaoping (second edition)* 邓小平文选 *dèng xiǎopíng wénxuǎn*. Beijing: People's Publishing House.
- Dodd, C.H. (1982). *Dynamics of Intercultural Communication (third edition)*. United States of America: Wm. C. Brown Publishers.
- Earley, P.C. & Mosakowski, E. (2016). Cultural intelligence. *HBR's 10 Must Reads on Managing Across Cultures* (pp. 4-11). Boston: Harvard Business Review Press.
- Freire, T.L. (2010). *Standards culturais portuguesas: ponto de vista espanhol*. Dissertação de Mestrado. Instituto Universitário de Lisboa.
- Hall, E. T. (1976). *Beyond Culture*. New York: Anchor Books (Doubleday).
- Hofstede, Geert. (s.d.). *Country comparison tool*. Hofstede-insights.com. <https://www.hofstede-insights.com/country-comparison-tool?countries=china%2Cportugal>.
- Hofstede, G. (2001). *Culture's Consequences (second edition)*. California: Sage Publications.
- Hofstede, G., Hofstede, G.J. & Minkov, M. (2010). *Cultures and Organizations*. United States of America: McGraw-Hill.

Hu, W. Z. (1999). *Introduction to Intercultural Communication 跨文化交际学概论 kuàwénhuà jiāojìxué gàilùn*. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.

Instituto Confúcio de Medicina Chinesa da UFG. (s.d.). *A China*. Institutoconfucio.ufg.br. <https://institutoconfucio.ufg.br/n/136931-a-china>.

Liang, Z.H. (2010). A influência da tradução do confucionismo chinês no Iluminismo europeu - o exemplo dos pensadores do Iluminismo francês 中国儒家学说的译介对欧洲启蒙运动的影响: 以法国启蒙运动思想家为例 zhōngguó rújiā xuéshuō de yǐjiè duì ōuzhōu qǐ méng yùndòng de yǐngxiǎng: yǐ fǎguó qǐ méng yùndòng sīxiǎngjiā wéili. *Journal of Changji University*, 26(3), 57-62. <https://www.globethics.net/pdfs/CNKI/CJFD/CJXY201003016.pdf>.

Ljungstedt, A. (1997). *A História Primitiva de Macau 早期澳门史 zǎoqī àomén shǐ*. Beijing: Eastern Press.

Lustig, M.W. & Koester, J. (2006) *Intercultural Competence Interpersonal Communication across Cultures (sixth edition)*. Boston: Allyn & Bacon.

Ministry of Commerce People's Republic of China (Ed.) (2021) Guia de Cooperação de Investimento Estrangeiro dos Países (Regiões): Portugal 对外投资合作国别(地区)指南: 葡萄牙, duìwài tóuzī hézuò guóbié (dìqū) zhǐ nán: pútáoyá. <http://big5.mofcom.gov.cn/gate/big5/www.mofcom.gov.cn/dl/gbdqzn/upload/putaoya.pdf>

Morais, C., Guo, Z.Y., Rangel, J.A.H., Ferreira, A.M., Brasete, M.F., Ran, M & Coimbra, R.L. (2021). *Diálogos Interculturais Portugal-China 2: Rotas e Raizes de um diálogo distante*. Instituto Internacional de Macau & Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro.

Relato de um habitante local sobre os imigrantes chineses em Portugal. (2018, abril 03). Juwai.com. <https://m.juwai.com/news/249138>.

Shi, C.L. (1997). "ilha de Tamão" - Um estudo sobre a primeira ocupação portuguesa da China “屯门岛” —— 葡人始占中国据点考辨 túnméndǎo púrén shǐzhàn zhōngguó jùdiǎn kǎobiàn. *Revista cultural 文化杂志 wénhuà zázhi*, 9(33), 23-33. <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/10033/593>.

Wu, Z.L. & He, Y.F. (2009). ANNUAL REPORT ON ECONOMY AND SOCIETY OF MACAO (2008-2009). In G.P. Ye (Ed.), *The relations between Macao and Portuguese-speaking countries after Macao returned to mainland China* (pp. 456-467). Social Sciences Academic Press.

Xinhua News Agency. (2018, dezembro 03). *A visita do Presidente Xi Jinping a Portugal escreverá um novo capítulo no desenvolvimento das relações sino-portuguesas - Entrevista ao Embaixador da China em Portugal Cai Run*. Gov.cn. http://www.gov.cn/xinwen/2018-12/03/content_5345395.htm.

Xinhua News Agency. (2016, outubro 12). *A cooperação económica e comercial sino-portuguesa tem um grande potencial - Entrevista ao Embaixador da China em Portugal, Cai Run*. Gov.cn. http://www.xinhuanet.com/world/2016-10/12/c_1119704355.htm.

Xinhua News Agency. (2022, abril 11). *Promover a cooperação mutuamente benéfica entre a China e os países lusófonos a um novo nível - o Ministro do Comércio Wang Wentao discute os resultados e as perspetivas da reunião ministerial especial do Fórum Sino-Português*. Gov.cn. http://www.news.cn/politics/2022-04/11/c_1128550874.htm.

Zhao, B.T. (2023, fevereiro 1) A cooperação conjunta sino-portuguesa na construção de uma faixa e uma rota possui futuro brilhante. *Jornal Sol*. <https://sol.sapo.pt/artigo/791486/a-cooperacao-conjunta-sino-portuguesa-na-construcao-de-uma-faixa-e-uma-rota-possui-futuro->

brilhante.

Zu, X.M. (2015). *Comunicação Intercultural 跨文化交际 kuàwénhuà jiāoji*. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.

Anexo

中国人对葡萄牙文化的适应性研究 (Questionário sobre a adaptação dos chineses à cultura portuguesa)

1. 性别 (Género)

男 (Masculino)

女 (Feminino)

2. 年龄 (Idade)

< 18

18-35

36-59

≥ 60

3. 教育程度 (Nível de escolaridade)

小学 (Escolaridade primária)

初中 (Escolaridade liceal)

高中 (Ensino secundário)

大学 (Licenciatura)

研究生 (Mestrado)

博士生 (Doutoramento)

4. 职业 (Profissão)

5. 来自中国哪里 (Localidade da origem na China)

6. 在葡萄牙生活多长时间了 (Há quanto tempo vive em Portugal?)

7. 居住情况 (Agregado familiar)

- 一个人 (Sozinho)
- 和朋友 (Com os amigos)
- 和家人 (Com familia)
- 和男 (女) 朋友 (Com namorado(a))

8. 为什么选择来葡萄牙工作 (Porque escolheu trabalhar em Portugal?)

9. 来葡萄牙之前对葡萄牙文化的了解程度是怎样的 (Como era o seu nível de conhecimento sobre a cultura portuguesa antes de vir para Portugal?)

- 完全不了解 (Desconhecimento completo)
- 了解一点 (Pouco conhecimento)
- 合理了解 (Conhecimento razoável)
- 了解的很好 (Bom conhecimento)
- 深层了解 (Conhecimento profundo)

10. 来葡萄牙之前对他的认知是怎样的 (Antes de vir para Portugal, qual era o seu conhecimento sobre o país?)

11. 到了葡萄牙之后感觉如何 (Como se sentiu quando chegou a Portugal?)

- 自信 (Confiante)
- 平静 (Tranquilo)

- 好奇 (Curioso)
- 害怕 (Temeroso)
- 难过 (Triste)
- 不自信 (Desconfiado)

12. 您对葡萄牙人有什么样的印象 (Que impressão tem sobre os portugueses?)

13. 您是否适应在葡萄牙的生活 (Adaptou-se à vida em Portugal?)

- 完全适应 (Adaptado completamente)
- 适应 (Adaptado)
- 不适应 (Desadaptado)

14. 您满意在葡萄牙的生活吗 (Está satisfeito com a sua vida em Portugal?)

- 非常满意 (Satisfeito completamente)
- 部分满意 (Satisfeito parcialmente)
- 并不在意 (Nem satisfeito, nem insatisfeito)
- 部分不满意 (Insatisfeito parcialmente)
- 非常不满意 (Insatisfeito completamente)

15. 您的行为习惯与在中国相比发生了何种变化 (Como mudaram os seus hábitos comportamentais em comparação com a China?)

16. 您是否还庆祝中国的传统节日，具体是哪种节日 (Ainda celebra os festivais tradicionais chineses? Quais?)

17. 你是否还继续保持中国人的行为习惯 (Continua a manter hábitos chineses?)

- 完全不采取葡萄牙人的文化习俗，保持中国人的行为习惯 (Não adotei completamente os costumes portugueses, mantenho os chineses)
- 采取部分葡萄牙人的行为习惯以适应这里的生活 (Adotei parcialmente os costumes portugueses para me adaptar à vida aqui)
- 完全采取葡萄牙人的行为习惯 (Adotei completamente os costumes portugueses)

18. 对葡萄牙语的掌握情况 (Domínio da língua Portuguesa)

- 不好 (Nível inferior)
- 基础 (Nível básico)
- 中等 (Nível intermédio)
- 很好 (Nível avançado)
- 非常好 (Nível superior)

19. 是与中国人交流的更多还是与葡萄牙人交流 (Com quem comunica mais: chineses ou portugueses?)

- 中国人 (Os chineses)
- 葡萄牙人 (Os portugueses)
- 一样多 (Tanto os chineses como os portugueses)
- 都不交流 (Sem comunicação com qualquer parte)

20. 是否已经融入了葡萄牙社会 (Integrou-se na sociedade portuguesa?)

- 完全融入 (Completamente integrado)
- 很好融入 (Bem integrado)
- 合理融入 (Razoavelmente integrado)
- 不能融入 (Não integrado)

21. 葡萄牙人的哪些行为习惯让您感到惊讶 (Quais são os hábitos

comportamentais dos portugueses que mais o surpreendem?)

22. 你认为在葡萄牙生活最大的困难是什么 (Qual é a sua maior dificuldade na vida em Portugal?)

23. 为了能更好的适应在葡萄牙的生活，您做出了何种调整 (Como se ajustou para se adaptar melhor à vida em Portugal?)

24. 您是否愿意学习葡萄牙语 (Está disposto a aprender a língua portuguesa?)

愿意 (Sim)

不愿意 (Não)

25. 你是否愿意在葡萄牙生活 (Está disposto a continuar a viver em Portugal?)

愿意 (Sim)

不愿意 (Não)